

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**RENATO MORI RODRIGUES**

**Prostituição e construção de carreira: um estudo  
sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador**

**São Paulo**  
**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**RENATO MORI RODRIGUES**

**Prostituição e construção de carreira: um estudo  
sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador**

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo, para  
obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social e do  
Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro

São Paulo  
2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catálogo na publicação  
Serviço de Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Rodrigues, Renato Mori

Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas no centro de Salvador / Renato Mori Rodrigues; orientador Marcelo Afonso Ribeiro. – São Paulo, 2010.

107f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Prostituição 2. Comportamento psicosssexual 3. Mulheres 4. Trabalho I. Título

CDD

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Renato Mori Rodrigues

Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas no centro de Salvador

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia  
Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

A José Rodrigues Filho (*in memoriam*) e João Costa Mori  
o que deixou, este que deixa e aquele que ainda deixará sua marca no mundo  
que ele seja um lugar melhor depois disso

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a APROSBA, Fátima Medeiros e às prostitutas da ladeira da Montanha. A Graziela e Mariana por compartilharem suas vidas comigo.

Aos meus professores de toda vida e do IPUSP, em especial a Marcelo, Zeca, Veroca, Marilene, Maria Helena e todos os outros que me ajudaram a compreender um pouco mais de psicologia e do mundo.

Aos meus colegas do IPUSP, Sérgio, Samanta, Daniela, Priscila, Mathias, Lygia, Samir e todos aqueles que compartilhei dúvidas e questões, bem como boas dicas de leitura.

A Carla e Nivaldo pelas conversas, e Bibi por ser linda.

Aos meus amigos Douglas, Anderson, Jacques e todos os outros pela paciência e companheirismo.

A minha mãe, Cecília, meus irmãos Eduardo, Luis, Marcos e Luis Henrique.

A meu pai, José Rodrigues, falecido ao longo dessa jornada.

A Daniela minha companheira e mãe do João, aquele que mudou nossas vidas para sempre com sua luz.

A todos que fizeram possível essa pesquisa e cujos nomes me foge à memória, me perdoem, a falha é minha.

## EPÍGRAFE

“A prostituição não é uma profissão fácil. A paixão é fundamental para suportar as contradições e os chamados ossos do ofício. Mas até hoje nunca conheci uma puta que largasse a profissão por não gostar dela. A Igreja misturou muito o sexo com o amor. Sexo é da vida. Amor é egoísta, é do indivíduo.

O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente.”

Gabriela Leite



## RESUMO

RODRIGUES, R. M. **Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas no centro de Salvador**. 2010. 107f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A prostituição feminina é um tema que tem gerado diversas pesquisas científicas. Desde pesquisas relacionadas ao turismo sexual, AIDS/DSTs, prostituição e internet, prostituição e migração. Dentre esses temas, o trabalho mesmo das prostitutas como objeto de pesquisas, seu cotidiano e práticas, estratégias de negociação e cobrança são pouco pesquisados. Abordando esses temas, e pela via da formação e desenvolvimento das carreiras das prostitutas e da relação com sua vida pessoal é onde se insere o presente trabalho. Temos como colaboradoras duas prostitutas que trabalham no centro de Salvador-BA (Mariana e Graziela ) e enfocando suas histórias de vida e carreira através de entrevistas realizadas com as mesmas, devidamente gravadas e transcritas. A partir da fala mesma delas, procedemos uma reconstrução de suas carreiras, de todos os percalços e questões importantes ao longo de sua vida profissional. Dentre eles destacamos o início na prostituição, prostituição e escolha, violência nas relações de trabalho, família e maternidade, prostituição de rua e prostituição dentro de locais especializados, questões de gênero: ciúme e (não)aceitação dos companheiros, liberdade de gênero e poder, sexualidade, prazer e o trabalho como prostituta, a recusa do papel de vítima da vida ou das circunstâncias, prostituição e vida pessoal e competências necessárias para ser uma prostituta. Terminamos fazendo apontamentos sobre a carreira de nossas depoentes, o estigma social a que estão sujeitas, liberdades a que estão sujeitas nesse trabalho, a questão da remuneração, a implicação da escolha profissional na vida pessoal e o que mais poderia ser pesquisado em Salvador em termos de prostituição.

Palavras-chave: prostituição, trabalho, profissionais do sexo, comportamento psicossocial, projeto de vida.

## ABSTRACT

RODRIGUES, R. M. **Prostitution and construction of career: a study on the work of prostitutes in the center of Salvador**. 2010. 107f. Dissertation (Master) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Female prostitution is a theme that has generated several scientific papers. From the sexual tourism to AIDS/STD researches through papers that focus prostitution and internet and prostitution and migration. Among all these themes, prostitution work itself lacks as has been the object of researches, their every-day work and practices, negotiation and payment strategies have been very little studied. Covering these themes and through the studies of the career and career development of the prostitutes, and the relation between their work and personal life is where this paper can be placed. Having 2 prostitutes from Salvador-BA as collaborators (Mariana and Graziela) and focusing on their life histories and career through the use of recorded interviews and transcribed. Proceeding from their own speeches we reconstruct their career with all the problems and important issues related to their professional lives. Among them we can state the beginning in prostitution work, prostitution and choice, violence in the sex work relations, family and maternity, indoor and outdoor prostitution, gender issues: the jealousy and (non)acceptance from their mates, gender freedom and power, sexuality, pleasure and work as a prostitute, refusal of being a victim of their life or history so end up as a prostitute, prostitute and personal life, competences needed to be a prostitute. We finish making pointing out issues as: our interviewed careers, social stigma that they are subject, freedoms that they are subject as prostitutes, the payment, implications of the professional choice in personal life and what else could be researched in the prostitution of Salvador.

Keywords: prostitution, work, sex workers, psychosexual behavior, life project.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Revisão de literatura.....	13
2.1 Estado da arte das pesquisas sobre prostituição.....	14
2.2 Prostituição e trabalho.....	15
2.3 Trabalho.....	18
2.4 Prostituição como trabalho.....	20
2.5 Subjetividade e escolha.....	22
2.6 Carreira e projeto.....	24
3. Objetivos.....	27
3.1 Objetivo geral.....	27
3.2 Objetivos específicos.....	28
4. Método.....	29
4.1 Local da pesquisa.....	30
4.2 Forma de contato com as participantes da pesquisa.....	31
4.3 Participantes.....	32
4.4 Instrumentos.....	34
4.5 Procedimentos.....	34
4.6 Tratamento dos dados.....	35
4.7 Recursos Materiais.....	36
4.8 Preceitos éticos.....	37
5. Análise e discussão dos dados.....	38
5.1 Entrevista com Mariana.....	39

5.1.1 O início na prostituição.....	39
5.1.2 A questão do ciúme e a violência nas relações de trabalho.....	43
5.1.3 Família e questões de maternidade.....	45
5.1.4 A prostituição como opção de trabalho.....	46
5.1.5 A questão do ciúme 2: vida profissional e vida afetiva pessoal.....	49
5.1.6 Prostituição: possibilidade de liberdade para a mulher?.....	55
5.1.7 Prostituição como liberdade do corpo: satisfação no trabalho e na vida pessoal.....	58
5.1.8 A liberdade do corpo pode se tornar violência contra a mulher.....	61
5.1.9 Competências para ser prostituta.....	62
5.2 Entrevista com Graziela .....	68
5.2.1 O início na prostituição.....	68
5.2.2 A prostituição como forma de evitar o sofrimento por homens: estratégia de poder de gênero.....	72
5.2.3 Competências para ser prostituta e a evitação do sofrimento como central na escolha de Graziela .....	78
5.2.4 Ganhos com a atividade de prostituição.....	86
5.2.5 Preconceito com a atividade de prostituição e a impossibilidade de reconhecimento social.....	91
6. Considerações finais.....	95
7.Referências.....	100

## INTRODUÇÃO

Foi longo o caminho que me levou até aqui. Começou com os livros e com os estudos, pois a teoria sempre me apareceu como o ponto mais importante para uma pesquisa científica. Logo o contato com colegas, professores e outras pessoas me forneceu um novo horizonte. Além da base teórica, o trabalho científico deveria servir para compreender e transformar a realidade do meio social. E é isso que orienta o presente trabalho.

As desigualdades de gênero e o estigma social devido ao moralismo em torno do sexo e da mulher, são elementos aos quais as prostitutas estão sujeitas de forma particularmente sensível. Nesse sentido o centro de Salvador, local que encerra muitas contradições sociais, de gênero, raça e classe com seus atores, as prostitutas, apareceu a mim como a escolha perfeita para aliar a teoria com a realidade social. Até então nenhuma pesquisa do tipo havia sido feita com elas nesse local, enfocando diretamente seu cotidiano e suas práticas. Foi esse entrelaçamento teoria para que, e realidade a conhecer, que está na origem desse trabalho.

Mudando então de cidade, mudei de objeto de estudo, de horizontes e me lancei a uma nova realidade que se revelou bastante complexa, diferente e, porque não, bela.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

## 2.1 Estado da arte das pesquisas sobre prostituição

Diversas pesquisas têm sido realizadas nos últimos anos sobre prostituição no Brasil e no mundo, sendo que muitos e variados são os temas, e abordaremos aqui uma pequena parte, no que for de relevância ao presente trabalho, cobrindo boa parte das pesquisas realizadas em toda a década de 1990. Vanwesenbeeck (2001) fornece um bom panorama delas em todo o mundo, e os principais temas, em uma extensa e completa revisão bibliográfica, ponto de partida do presente trabalho.

Dentro os principais temas e pesquisas nesse campo, podemos salientar Juliano (2005) com a estigmatização e violência simbólica sofrida pelas mulheres nessa atividade, assim como Pereira (2005) com relação à estigmatização e regulamentação da profissão (abordando também a questão do trabalho escravo) e Rodrigues (2009), essa última discorrendo sobre o projeto de Lei no 98/2003 do deputado federal Fernando Gabeira que, atualmente, tramita no congresso nacional e versa sobre a regulamentação da profissão de trabalhadora de natureza sexual no Brasil.

Sobre imigração e trabalho sexual temos Barreiro (2005) e a desigualdade de relações de poder entre as imigrantes latinas no Canadá, evidenciando por essa via a exploração da América do Norte sobre a América Latina também nesse campo. Sobre a prostituição de travestis e a formação do ser-travesti, a relação com os clientes, violência nas ruas e seus sonhos temos Pelúcio (2005). Sobre o mesmo tema, focado na identidade travesti e nos 4 eixos: gênero, corpo, trabalho e violência temos Garcia (2009).

Um tema bastante pesquisado é o turismo sexual. Silva & Blanchette (2005) discorrem sobre as mulheres, objetos de tais tráficos, não são somente passivas, mas também geradoras de símbolos, movimento que potencializa as relações entre brasileiras e estrangeiros em Copacabana. Evidenciando o papel da Internet na constituição do mercado transnacional de

sexo está o trabalho de Piscitelli (2005) que versa sobre os códigos gerados no espaço virtual para cada lugar e região das fronteiras etno-sexuais. Savigliano (2005) discorre sobre a influência do tango como expressão erótica no cinema e sua influência no turismo sexual de Buenos Aires. Agustín (2005) chama atenção sobre os representantes do governo e de projetos sociais e acadêmicos que, por quererem “ajudar” mas não entenderem as nuances das relações aí presentes, acabam por produzir discursos estigmatizantes e controladores das relações entre os nativos e os viajantes.

Muitas pesquisas versam sobre AIDS e DSTS e sua relação com a prostituição, prevenção e situações de risco, incluindo prostituição juvenil e a prevenção da AIDS em Simon, Silva & Paiva (2002). O risco de trabalhadoras do sexo que utilizam crack frequentemente e sua maior vulnerabilidade ao HIV em Malta (2008). E ainda a utilização de trabalhadoras do sexo como multiplicadoras em projetos de prevenção à AIDS na Amazônia Benzaken, Garcia, Sardinha, Pedrosa & Paiva (2007).

O campo de estudos sobre a prostituição é bastante vasto, porém, como aponta Vanwesenbeeck (2001), faltam pesquisas específicas sobre a prostituição enquanto trabalho. É nessa esteira que se encaixa o presente estudo, buscando explorar com mais atenção uma vertente da prostituição de igual importância aos temas mais tradicionais já apontados, que é a prostituição como trabalho, carreira e projeto de vida.

Alguns estudos tocam em dimensões da relação prostituição-trabalho.

## **2.2 Prostituição e trabalho**

Bernstein (2008) e Russo (2007) tentam compreender o comércio e o significado da compra e da troca sexual na relação da prostituição, bem como Silva & Blanchette (2009) ao discutir a prostituição como atividade econômica.



Brito (2008) e Rodrigues (2004) discutem que a prostituição tem sido, em geral, tratada ou pelo sistema criminal, ou então pelo sistema sanitário (Silva & Blanchette, 2009; Rodrigues, 2009).

O tema da prostituição como trabalho tem atraído pesquisadores de várias áreas do saber, sendo analisada pelo olhar da Psicologia Social do Trabalho, principalmente focado na saúde do trabalhador (Santos, Fanganiello, Paparelli & Oliveira, 2008) e na Ergonomia (Barbosa, Dias, Tostes, Cursinho, Mesquita, Gonçalves & Braga, 2007); pelo Direito com foco na regulamentação da profissão (Rodrigues, 2009); pela Sociologia através da reflexão sobre as práticas do ofício (Araújo, 2006), das construções identitárias das profissionais do sexo (Silva, 2005) e da prostituição como atividade mercantil (Langer, 2004).

Barros (2005) e Rodrigues (2009) abordam a prostituição do ponto de vista de um trabalho como outro qualquer, analisando o movimento sociopolítico de legitimação e regulamentação dos chamados “serviços de natureza sexual” a partir da pressão de movimentos de prostitutas e a iniciativa de parlamentares simpáticos ao tema. Indica que a prostituição tem deixado de ser objeto exclusivo de intervenção policial e sanitária para atingir às esferas do trabalho e dos direitos humanos. Estudos sobre a organização política das prostitutas, como parte do trabalho de Rodrigues (2009), merecem destaque.

Nem todos pensam assim (pesquisadores, legisladores, população em geral e as próprias prostitutas) que se dividem, muitas vezes de forma polarizada e antagônica.

De um lado, há a defesa de que a prostituição seria um trabalho como outro qualquer com direito à cidadania e direitos humanos e que a liberdade com relação ao corpo deve ser respeitada. Por outro lado, temos um discurso de que a prostituição nunca poderá ser um trabalho como outro qualquer, pois estaria calcada numa violência social cometida contra as próprias prostitutas e justificaria a compra e venda do corpo da mulher, retirando sua condição humana e a liberdade sobre si e sobre o próprio corpo (concepção da mulher-

mercadoria), além de ser uma prática moralmente desvirtuante e desvirtuadora (Barbosa et al., 2007; Pasini, 2005; Ribeiro & Sá, 2004; Rodrigues, 2004, 2009).

Os movimentos feministas têm se dividido com relação à esta questão, pois parte deles vê a prostituição como submissão/escravidão da mulher (Hughes, 2004; Pateman, 1993; Raymond, 2003), se configurando como mais uma opressão de gênero a ser combatida, em função da prostituta se tornar objeto da dominação masculina e transmitir a imagem de uma mulher à venda. Enquanto que outra parte vê a prostituição como uma escolha e que estaria marcada pela liberdade da mulher de utilizar o próprio corpo como instrumento de transação comercial, considerando a prostituição como um trabalho como outro qualquer dentro da lógica capitalista (Pasini, 2005; Rostagnol, 2000).

O presente trabalho pretende realizar uma análise da carreira da prostituta, em suas mais diversas dimensões: desde sua relação com o dinheiro Bernstein (2008) e Russo (2007), passando pela representação social da profissão com seus dilemas (Guimarães & Merchán-Hamann, 2005) até chegar na possibilidade de se legitimar a prostituição como um trabalho como outro qualquer, apesar de todas as especificidades que tal trabalho carrega em si mesmo, como nos alerta Fonseca (1996), “é evidente que a prostituição, com seu status estigmatizado, alvo de repressão policial e censura pelo senso comum, não é uma profissão como qualquer outra” (Fonseca, 1996, p. 19). Todos estes são temas que devem ser abordados por se tratar das diversas dimensões e da complexidade que o assunto suscita.

Prostituição: escolha ou consequência não escolhida de um projeto de vida? Trabalho ou crime? Legal ou ilegal? Um atividade a ser legitimada ou eliminada?

Para tal tarefa, nos inspiramos principalmente em Moraes (1995) e seu extenso trabalho sobre a prostituição na Vila Mimosa no Rio de Janeiro. Muitas questões sobre a prática profissional, as negociações, vitimização, a relação com os clientes e com os locais de

trabalho, tudo isso nos inspirou a fazer esse estudo sobre o trabalho e a carreira das prostitutas do centro de Salvador.

Começamos apresentando brevemente nossa concepção de trabalho e suas relações com as concepções de emprego, profissão e ocupação para tentarmos levantar possibilidades e limites da prostituição tomada como trabalho.

### **2.3 Trabalho**

A primeira pergunta necessária a ser respondida seria: o que é trabalho? Como não se trata de um texto que discuta especificamente trabalho, percorreremos um breve caminho para definir “trabalho”.

A importância e a dimensão do trabalho na vida humana evoluiu ao longo dos tempos com a própria evolução do ser humano. Arendt (1987) coloca que a condição humana pressupõe três dimensões: o labor (esforço físico e mental na relação com o mundo como atividade mecânica), o trabalho (possibilidade de produção de bens duráveis e permanentes na vida mundana com o labor e de fazer história) e a ação (possibilidade de pela minha atividade transformar o mundo e a si mesmo pelas trocas e laços que realizo).

A história do trabalho mostra a história da possibilidade da condição humana via trabalho. Está tradicionalmente associado à sofrimento, tortura e castigo, pois era ligado somente a concepção de trabalho como labor: mero esforço físico sem sentido para a humanidade. Com o Renascimento, o trabalho passa ser visto como produtor de obras e de histórias (trabalho na concepção de Arendt, 1987) e com a Revolução Industrial e a consolidação do emprego como forma primordial de vínculo com o trabalho, o trabalho ganha valor social e passa a ser o organizador social por excelência, gerando a ascensão do trabalho à dimensão ontológica para o ser social (Lukács, 1980; Marx, 1980).

Dejours (1999) aponta que, se a relação com o outro tenta constituir a subjetividade (campo erótico e relacional), o trabalho é fundamental para constituir a identidade humana (campo social). É pelo trabalho que eu consigo transcender minha natureza e me emancipar enquanto ser dotado de humanidade, pois ela permitiria a significação da experiência do contato de si mesmo com o real, experiência geradora de sofrimento, mas também de emancipação.

o trabalho media o acesso ao real e possibilita o engajamento do corpo no mundo; as relações com os outros (mundo intersubjetivo); a construção de um lugar e de uma identidade no campo psicossocial; a produção de sentidos; e o reconhecimento social (Ribeiro, 2009a, p. 5).

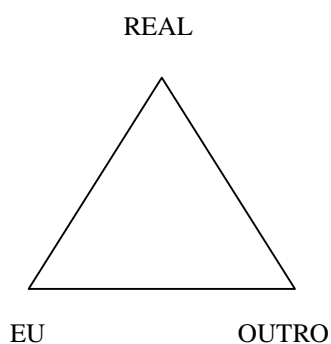
Importante salientar que o trabalho, dependendo das condições para sua realização e de sua organização em que ele é executado, pode conferir ou retirar a humanidade: é nesta ambiguidade que analisaremos o trabalho da prostituta. Mas antes disto: o que é trabalho?

De forma sucinta podemos definir algumas características indispensáveis para indicar se uma atividade é trabalho ou não. São elas:

- Esforço
- Atividade
- Meta ou objetivo
- Resultado ou produto
- Transformação ou alienação

Todo trabalho requer um esforço físico e mental, empreendido através de uma ação sobre o mundo, que volta para si mesmo, é detentor de uma meta ou objetivo, ou seja, todo trabalho é uma ação intencional que visa um resultado ou produto, sendo que este processo pode gerar transformação ou alienação (sofrimento) e o que definiria o produto do trabalho seria o fato dele ser reconhecido psicossocialmente como trabalho: pessoa e sociedade devem legitimar determinada ação como trabalho para que ela seja reconhecida como tal.

Dejours (1999) explicita isto através de uma figura triangular, sendo que cada vértice é fundamental para que o trabalho possa ser reconhecido como tal: a falta de um dos vértices destituiria a ação da capacidade potenciadora de ser trabalho. O trabalho para ser trabalho deve partir do EU (dimensão subjetiva), se realizar no REAL do mundo (dimensão concreta) e ser legitimada pelo OUTRO (dimensão social), configurando a relação EU-OUTRO-REAL que definiria a relação psicossocial inerente ao trabalho.



Será que a prostituição pode ser considerada trabalho?

## **2.4 Prostituição como trabalho**

Se analisarmos a atividade da prostituição através das características indispensáveis para indicar se uma atividade é trabalho ou não elencadas parágrafos atrás, chegaríamos a conclusão que a prostituição é trabalho: Por quê?

A atividade da prostituição parte de um esforço físico e mental, tanto nos momentos de espera e de negociação com os clientes, quanto durante os “programas”, que pode retroalimentar ou esgotar a prostituta. É uma atividade que busca uma meta (recompensa financeira, como qualquer trabalho dentro da lógica capitalista) e ascensão de carreira e visa

gerar um resultado ou produto, que é a satisfação do cliente (como em qualquer outro comércio), sendo um processo que pode gerar transformação ou alienação na prostituta.

O grande entrave para que a prostituição ganhe status de trabalho é a característica que Dejours (1999) coloca como central: o reconhecimento do outro de aquela atividade é trabalho, bem como o próprio autorreconhecimento de que o que se está fazendo é trabalho.

Algumas características causam mais confusão na delimitação da prostituição com trabalho (Brito, 2008; Colvero, 2008; Moraes, 1995; Ribeiro & Sá, 2004; Rodrigues, 2009; Vanwesenbeeck, 2001).

- a) O fato da prostituta utilizar seu corpo como instrumento de trabalho, não numa atividade socialmente vinculada ao trabalho, como por exemplo, um pedreiro ou um esportista, mas num atividade vinculada à intimidade como a relação sexual. Igual problema sofrem as empregadas domésticas cuja atividade de trabalho se confunde com as tarefas ditas domésticas, que não parecem ter valor de trabalho: tarefas domésticas e relação sexual não parecem se constituir socialmente como atividade legitimadas de trabalho;
- b) O fato da falsa ideia de que não haveria nenhum conhecimento ou competência específica para o desempenho da prostituição, o que não é verdade;
- c) O fato de, apesar da revolução sexual, o sexo ainda ser um tabu social;
- d) O fato do senso comum, ou condenar moralmente a prostituição, ou explicá-la como um problema social, sendo a prostituta uma pessoas moralmente desvirtuada ou vítima das circunstâncias, não cabendo a ideia da prostituição como projeto de vida.

Prostituição pode ser trabalho e, nesse sentido, auxiliar na constituição da subjetividade e identidade humana? Pode ser fruto de uma escolha? Pode ser a atividade central do projeto de vida de alguém? Pode possibilitar a construção de uma carreira?

Como conclusão preliminar, podemos indicar que atualmente a prostituição está no caminho de sua legitimação como trabalho (criação de organizações de prostitutas, inclusão na CBO<sup>1</sup> do Ministério do Trabalho e Emprego, projetos de governo para regulamentação da prostituição como profissão, pensamentos e pesquisas de acadêmicos que indicam isto), entretanto ainda é um longo caminho até esta consolidação, pois estigma, preconceito, discursos moralistas, violência policial e criminalização da prostituição ainda são forte na nossa realidade.

## **2.5 Subjetividade e escolha**

Uma das questões mais recorrentes em pesquisas feitas com prostituição, e aí seja por pesquisas determinadas por referenciais que consideram mais as falas e opiniões das prostitutas ou por pesquisas que prescindem de suas falas, é a entrada delas na “vida”, ou o começo na prostituição.

Pesquisas anteriores a década de 1990 (Vanwesenbeeck, 2001) apontam para fatores como vitimização precoce e abuso sexual na infância, necessidade por dinheiro, falta de oportunidades de emprego, fatores esses, agravados por associações com cafetões, institucionalização e uso de drogas. Essas pesquisas procuravam localizar um motivo na vida dessas mulheres que as levaria à vida da prostituição. Estão, portando, ainda presos, à lógica da vitimização (e, conseqüentemente, da criminalização, ou, no mínimo, da condenação da atividade) das mulheres trabalhadoras do sexo, como se um acontecimento traumático ou errado, do ponto de vista moral, ou a impossibilidade de conseguir outra fonte de sobrevivência em suas vidas fosse a causa eficaz de sua entrada na prostituição.

---

<sup>1</sup> O CBO é a Classificação Brasileira de Ocupações, organizado pelo MTE (Ministério do Trabalho e do Emprego), que tem como objetivo descrever todas as ocupações existentes e reconhecidas como tal no mundo do trabalho brasileiro (Brasil, 2002).

Com relação aos motivos pelos quais permanecem na vida da prostituição, Moraes (1995) cita entre eles melhores condições de sobrevivência, baixa remuneração em outras atividades, ausência da figura de patrão, autonomia de horários, entre outros. Somando isso ao mais óbvio deles, que é a atividade que elas estão realizando e já realizaram por um certo tempo e teremos muitos motivos pelos quais uma pessoa fica ou não em um emprego qualquer. Para compreendermos tal dinâmica e sairmos da lógica da prostituta enquanto vítima da sociedade ou das circunstâncias e a colocarmos como sujeito de sua ação, recorreremos a Sartre ao falar sobre a liberdade humana:

contra o senso comum, que a fórmula "ser livre" não significa "obter o que se quis", mas sim "determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)". Em outros termos, o êxito não importa em absoluto à liberdade. A discussão que opõe o senso comum aos filósofos provém de um mal-entendido: o conceito empírico e popular de "liberdade", produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, equivale à "faculdade de obter os fins escolhidos". O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha (Sartre, 1997, p.)

Assim, a entrada na prostituição, ou engajamento em qualquer outra atividade humana, deve ser entendida como uma escolha pessoal de cada uma, escolha essa que não se dá aleatoriamente ou tendo em vista objetivos abstratos, se dá em consonância com a sua vida, com os acontecimentos e situações que se colocaram frente a ela até àquele momento.

Essa articulação entre a liberdade radical de escolha e as opções e situações que a pessoa viveu é a essência da natureza social humana. “Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós”, diz o mesmo filósofo. Somos o produto das escolhas feitas, e não determinados por contingências ou elementos internos ou externos, sejam de natureza social, biológica ou histórica.

Essa liberdade de ser é definida pela instância ontológica do ser humano, sua natureza de ser “ser-para-si” (Sartre, 1997). Esse ser para si é o ser para qual o seu ser está eternamente em questão, ou seja, no fundo do para-si nada está definido, tudo que é, é também possibilidade de ser. Assim que o homem pode ser dito como sendo aquilo que é, mas



também o que pode vir-a-ser (Sartre, 1997). É essa dimensão de futuro que acompanha a experiência humana que nos interessa.

queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés do musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser (Sartre, 1987, p. 9).

O projeto se articula com o passado, não somos simplesmente possibilidade, somos o que podemos ser, mas a partir daquilo que já passamos, de nossas experiências. Aliás o passado para a experiência humana não é só aquilo que foi, mas também o que poderia ter sido, isso explica o rearranjo do passado em narrativas (Bosi, 2003). Elas são compostas a partir do vivido, mas também a partir do que está por vir, das expectativas e situações que o sujeito enfrenta agora nesse momento, que mudam bastante.

É essa dimensão tripla de passado, presente e futuro, que pretendemos abarcar nesse trabalho. O passado aparece na narrativa, sempre a partir da perspectiva do sujeito presente que conta, o futuro, aparece sobre a forma de projeto, ou aquilo para o qual o sujeito se lança para elaborar sua vida e efetuar sua narrativa, sua organização de si. A isso que estamos chamando de subjetividade, essa tríplice orientação temporal, organizada pelo sujeito a partir da sua narrativa, a partir do seu projeto. Subjetividade, projeto e carreira: palavras que orientarão nosso trabalho.

## **2.6 Carreira e projeto**

A essa definição prévia e subjetiva de projeto, soma-se à definição de projeto enquanto carreira, o chamado projeto de vida no trabalho. Ribeiro (2009b, 2009c) define o projeto como uma articulação entre o plano subjetivo de cada um e o mundo social, no qual as condições das escolhas se dão.

Todo projeto emerge do projeto de vida de cada um. Mas o que seria um projeto de vida? Um projeto de vida é uma construção intersubjetiva operada pela articulação entre o individual e o social, concretizados pela trajetória de vida, entendida como deslocamento espaço-temporal (Ribeiro, 2009b, p.158).

Assim, entre as condições que são oferecidas ao sujeito, sua condição de livre e capaz de escolha, ele orienta sua vida a partir das dimensões do passado (o vivido), o presente (as escolhas) e o futuro (o vir-a-ser). Esse projeto orienta a condição do sujeito no mundo e a partir dele, coloca-o em relação com o social, conferindo-lhe o que os cientistas sociais chamam de identidade.

Dessa forma, o projeto de vida articula, dialeticamente, o projeto do indivíduo com o projeto social e necessita de um plano de ação para se materializar como ação que envolva o indivíduo na construção de seu futuro, o que inclui seu lugar, seu papel e sua identidade no mundo (Ribeiro, 2009b, p.158).

O projeto de vida então, como articulação do individual com o social, fornece a orientação do sujeito no mundo, e acaba voltando-se para esse mundo sob a forma da identidade, agora em sua faceta social, sempre partindo de escolhas.

A escolha teria, então, como causa, a relação dialética entre as estruturas social e subjetiva, sendo um avanço importante ao incluir a dimensão simbólica na análise tanto do comportamento de escolha (singularidade do sujeito), como nas profissões (trabalho de construção social cristalizado) (Ribeiro, 2004, p. 81).

A prostituta escolheu a prostituição e pode tornar esta escolha num projeto de vida no trabalho (carreira) ou então se utilizar desta atividade como fonte de satisfação das necessidades de sobrevivência, e mudar assim que conseguir, como fazem tantos outros trabalhadores que exercem outras atividades.

Esse modelo de projeto e plano de ação se aplica tanto aos indivíduos quanto aos processos organizativos de trabalho e deve ser construído em relação, estruturando, temporariamente, configurações de carreira até que uma nova mudança (processo de transição) se imponha como necessária (Ribeiro, 2009b, p.160).

Essa identidade social constitui o que os coletivos de sujeitos constroem para as determinadas atividades profissionais. Estratégias e representações que formam para eles e

para o mundo social o coletivo a faceta daquela determinada atividade. Construção essa, claro, que está em diálogo com o próprio mundo social e com as representações desses, detalhe especialmente importante no estudo da prostituição devido ao estigma social associado à ela.

Considerando ou não a prostituição como trabalho, toda prostituta tem um identidade ocupacional associada a sua atividade e constrói uma carreira, entendida como projeto de vida o trabalho e definida como:

A carreira (...) pode ser compreendida como uma relação dialética entre projeto social (estrutura objetiva) e projeto de vida de cada pessoa (estrutura subjetiva), entendendo projeto como uma articulação entre individual e social, concretizados pelas trajetórias de vida (deslocamentos espaços temporais) tanto das pessoas, quanto das organizações do trabalho, vistos como fenômenos psicossociais legitimados e compartilhados (Ribeiro, 2009c, p. 214).

Assim, o foco no projeto, tal como concebido pelo sujeito que realiza uma determinada atividade que o orienta, pode nos fornecer, pelo caminho inverso à sua formação, informações sobre como se articula aquela carreira. Pode também revelar como se regulam as estratégias de orientação naquela atividade profissional, e como os sujeitos respondem as demandas sociais e se mantêm, enquanto sujeitos e enquanto coletividade, naquela atividade. Como o sujeitos vêm a sua atividade e como a representam, pode fornecer conhecimento sobre a atividade e sua faceta mais social, mais coletiva, além de como a sociedade vê e reconhece tal atividade.

## **OBJETIVOS**

### **3.1 Objetivo geral**

- Estudar o projeto de carreira das mulheres que exercem a atividade remunerada da prostituição (sujeitos em sua atividade ocupacional);
- Analisar as dimensões constituintes da atividade de prostituição.

### **3.2 Objetivos específicos**

- Identificar a atual situação da prostituição feminina de rua na cidade de Salvador
- Analisar o paradoxo apresentado pela prostituição como trabalho, ou seja, a consonância presente de elementos pertencentes a uma prática de violência, humilhação e submissão da mulher e a tendência à sua inserção como trabalho legitimado e regulamentado.

## **MÉTODO**

#### 4.1 Local da pesquisa

A atividade de prostituição exercida no centro de Salvador se localiza na área denominada pelas próprias prostitutas de Ladeira da Montanha. Essa área inclui a Ladeira da Montanha, o centro histórico de Salvador, Largo Terreiro de Jesus e Praça da Sé, todas localizadas no bairro de Pelourinho no centro de Salvador.

Por se tratar de prostituição chamada outdoor (fora de locais próprios para isso) encontramos uma certa dificuldade em nos aproximar dos sujeitos, por medo, desconfiança ou ainda desconhecimento de nossa atividade. Para ajudar nessa questão foi de fundamental importância o contato com a APROSBA – Associação das Prostitutas da Bahia, e com Fátima Medeiros<sup>2</sup>, sua representante perante a nós, e em ocasiões de encontros e reivindicações públicas dos direitos das prostitutas da Bahia.

Devido ao fato de se localizar no centro histórico de Salvador, local de muito atrativo turístico, e, portanto, financeiro, próximo a duas Igrejas Católicas tradicionais (entre outros templos de outras religiões) e à Prefeitura de Salvador, esse local como área de trabalho das prostitutas é alvo de constantes ataques e tentativas de demovê-las dali. Prefeitos que entram, religiosos, deputados e/ou moralistas, lojistas locais, delegados e policiais já empreenderam diversas campanhas para que se proibisse as prostitutas de trabalhar no centro. Algumas mais fortes e violentas, outras sutis e com o apoio da lei, porém é uma coisa que elas não abrem mão e lutaram por isso diversas vezes. De acordo com Fátima é uma luta constante, cada novo governo é sempre uma nova luta no centro.

---

<sup>2</sup> Só tenho a agradecer a Fátima Medeiros, fundadora e coordenadora além de elemento fundamental na APROSBA, por me ajudar nesse trabalho, fica aqui seu nome, sem alterações, a pedido e por respeitar sua coragem em ser uma pessoa pública.

## **4.2 Forma de contato com as participantes da pesquisa**

Através da mediação da APROSBA que conseguimos entrar em contato com as entrevistadas da presente pesquisa.

A APROSBA é uma sala de 5x5m mais ou menos em um prédio no centro histórico de Salvador, localizado a menos de 100 metros da Prefeitura e do Elevador Lacerda. A APROSBA tem 10 anos de existência formal (registrada com CNPJ), mas que ela tem na verdade 13 anos de existência. Por 3 anos antes do estatuto e do registro, havia reuniões informais das prostitutas para discutir e pensar em soluções para seus problemas, como a permanência no centro e a violência dos policiais.

A associação começou em um Dia Internacional da Mulher em que houve um evento em Salvador com diversos políticos, apresentações, comunicações e coisas assim. Fátima e uma outra colega conseguiram entrar nesse evento e passaram a assistir as apresentações.

Houve então, um momento em que era aberto ao público, podia-se mandar mensagens escritas para que fossem lidas a todos do auditório. Foi aí, que elas criaram coragem e escreveram para que a deputada que estivesse lá lesse a todos uma carta anônima que falava que as discussões do evento não eram sobre mulher, não falavam sobre temas relevantes como violência e outras coisas.

Além disso falavam na carta que se o evento não falava sobre mulheres, falava menos ainda sobre prostitutas. Foi então que a assessora da deputada falou dando razão a elas e Fátima criou coragem para subir e falar em público sobre o que tinha escrito na carta anônima. A partir desse evento conseguiram o apoio de uma juíza e, com o apoio do GGB (Grupo Gay da Bahia) conseguiram fundar a associação, com estatuto e CNPJ, apesar de pressão e da criação excessiva de dificuldades por parte dos órgão responsáveis, por se tratar de uma associação de prostitutas.



Na época da realização das entrevistas, a APROSBA contava com mais de 3000 prostitutas cadastradas, uma sede alugada, alguns computadores e tinha como projeto uma rádio comunitária. Ela tem reuniões semanais às terças-feiras onde fornece informação, distribuição de preservativos e organiza a participação em encontros nacionais e internacionais.

### **4.3 Participantes**

As participantes da presente pesquisa foram mulheres trabalhadoras da prostituição (prostitutas ou profissionais do sexo, segundo a CBO) do centro de Salvador, escolhidas de acordo com indicação da APROSBA (Associação das Prostitutas da Bahia) por terem uma boa vivência na profissão, e histórias de vida que pudessem dar conta da diversidade das mulheres que trabalham lá, sem nos preocuparmos em fazer um estudo em quantidade, ou seja, um estudo que pudesse cobrir toda a variedade das trabalhadoras do centro de Salvador.

Nossa única restrição foi de ser com mulheres que faziam da prostituição sua principal fonte de renda e se declararem como estando nessa profissão, ou prostitutas de tempo integral que assumem isso, em contato com prostitutas eventuais, ou que utilizam a prostituição como complementação de renda<sup>3</sup>. Em contato com Fátima<sup>4</sup>, a ouvimos e privilegiamos suas indicações, bem como a disponibilidade das entrevistadas.

Importante salientar que existem diversos “níveis” no trabalho da prostituição no que se refere à quantidade cobrada e ao local de trabalho, prostitutas de casas noturnas (indoor), geralmente mais valorizadas, de rua (outdoor) ou de zonas do baixo meretrício menos

---

<sup>3</sup> Moraes (1995) salienta que embora muitas mulheres trabalhem um bom tempo e têm na prostituição sua principal fonte de renda, acabam dizendo que está é “transitória” a períodos de crise financeira, ou que é uma “complementação” quando é sua principal fonte de renda. Nossa preocupação aqui é que nossas entrevistadas assumissem sua condição de trabalho, e foi o que fizeram.

<sup>4</sup> Coordenadora da ABROSPA.

valorizadas e as de estrada, considerada por muitas a pior condição de trabalho, e, portanto, são as menos valorizadas (Moraes, 1995).

Trabalhando em casas noturnas, geralmente freqüentadas por pessoas de maior poder aquisitivo, elas conseqüentemente conseguem cobrar mais, além de estarem em um local com seguranças privados e quartos (a questão de trabalhar em boates é controversa segundo às próprias prostitutas, pois retira delas a liberdade além de lhes sujeitarem à cafetinagem), o que lhes pode garantir mais segurança além de um certo nível de retorno financeiro.

Mesmo dentre as mulheres que trabalham nas casas noturnas, existem diferenças significativas no dinheiro que é cobrado nos programas. Além dessas existem as chamadas prostitutas de rua, ou que trabalham na rua. Essas vivem por conta própria, em geral não sendo aliciadas ou cafetinadas, porém estão sujeitas à diversos tipos de violências, não têm segurança garantida, local para realizar os programas e correm o risco de não serem pagas. Além disso costumam cobrar significativamente menos do que as que trabalham nas casas noturnas e atender em motéis mais baratos fazerem muito mais programas por noite.

Selecionamos então duas mulheres, chamadas por nós nesse trabalho de Graziela e Mariana<sup>5</sup>.

Participante 1: Graziela tem 32 anos, é branca, sem filhos, natural do interior de Pernambuco e começou na prostituição em Recife, segundo ela, embora seu primeiro programa pago tenha sido no centro de Salvador.

Participante 2: Mariana tem 37 anos, branca com o cabelo pintado de louro, tem 2 filhos e estava grávida de 3 meses à época da entrevista e trabalha na prostituição há 23 anos, desde os 15. É natural do interior da Bahia e já trabalhou na estrada, em Maceió e em Salvador; está na Montanha<sup>6</sup> há 17 anos.

---

<sup>5</sup> Os nomes das participantes foram alterados, visando preservação do anonimato das mesmas.

<sup>6</sup> A Ladeira da Montanha é uma região conhecida de prostituição no centro de Salvador.

#### **4.4 Instrumentos**

Os instrumentos utilizados foram: o diário de campo<sup>7</sup>, que registrou as entrevistas informais, as visitas a APROSBA e saídas com ela para os locais de entrevista. Essa foi uma fase preliminar do trabalho e, embora fundamental para a aproximação com o campo, não consta da análise final, composta apenas das entrevistas com as depoentes.

As entrevistas foram realizadas com consentimento esclarecido assinado pelas participantes e com uma cópia entregue a elas, e gravadas em fitas de áudio. Foi utilizado um roteiro de base para a entrevista e elas foram transcritas na íntegra, respeitando sempre que possível a oralidade e o sentido original das palavras.

O método utilizado foi a entrevista aberta semi-estruturada por possibilitar uma maior abertura para surgimento de questões próprias das participantes, porém mantendo o foco da entrevista na atividade ocupacional e carreira. Foi priorizado o estabelecimento de uma relação “que permita a formação de laços de amizade” (Bosi, 2003, p. ) por permitir maior intimidade para trabalhar, e possibilitar abordagem de questões mais íntimas. Foi seguido um roteiro de aproximação gradual com o campo e os sujeitos em sua atividade, descrito a seguir.

#### **4.5 Procedimentos**

- Levantamento bibliográfico;
- Aproximação do campo;
- Escolha das participantes da pesquisa;
- Realização das vistas ao campo e das entrevistas semi-estruturadas;
- Análise dos dados;

---

<sup>7</sup> O qual é constituído do “registro de fatos verificados através de notas e/ou observações” (Barros & Silveira Barros, 2007).

- Redação do relatório final da Dissertação.

Os procedimentos utilizados foram a aproximação ao campo e a entrevista semi-estruturada.

A aproximação ao campo se deu pelo contato com a APROSBA (Associação das Prostitutas da Bahia) o qual foi conhecida através da mídia local. Na APROSBA realizamos algumas visitas introdutórias, as quais foram documentadas em diário de campo. Estas visavam estabelecer o contato inicial e conhecer a atividade das prostitutas e como elas se organizavam.

Foi realizado uma entrevista não gravada com Fátima Medeiros, fundadora e atual responsável, junto com Mariana Silva, pela APROSBA hoje. Esta entrevista nos forneceu material considerável sobre as dificuldades do trabalho das prostitutas e sobre questões relativas a sua atividade diária bem como questões políticas envolvendo a atividade.

As entrevistas que foram efetivamente utilizadas no presente trabalho foram gravadas, transcritas e enviadas aos sujeitos para sua aprovação, modificação e/ou crítica por acreditar que o assim como o pesquisador, os entrevistados “tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou” (Bosi, 2003, p. 66). Os nomes verdadeiros das participantes e das pessoas citadas por elas foram modificados no presente trabalho para preservar sua privacidade.

#### **4.6 Tratamento dos dados**

Com base nas entrevistas elaboramos uma análise das falas das depoentes, privilegiando sua experiência pessoal, no que concerne à diversidade, bem como do que é próprio e pessoal à experiência delas. Não há interesse em formar grandes categorias de

análise que servirão para toda a categoria profissional, e sim documentar a experiência única dessas mulheres e a maneira como elas lidam com o que lhes aparece na atividade profissional e como construíram sua carreira. Aqui a ênfase está no passado, mas também no futuro, pois as três dimensões da experiência colaboram na construção da carreira (Triviños, 1996).

A análise privilegiará, então, a história de vida das profissionais entrevistadas através mesmo de suas falas (Bosi, 2003; Grizes, 1978). Tentamos dar maior visibilidade ao que elas mesmas falavam sobre si e sobre sua experiência, bem como de conhecimento adquirido ao longo de todo o processo de conhecimento de suas atividades, seja na vida profissional ou não. Tendo como objetivo último a reconstrução de uma carreira tal como foi vivida por elas, nesta atividade profissional, por elas mesmas, centrada em suas falas.

Neste sentido, optou-se em apresentar as entrevistas transcritas quase na íntegra, e, conforme as falas fossem aparecendo, teciam-se comentários sobre as dimensões da vida e da carreira de cada depoente. A relação entre as análises realizadas das duas entrevistas será apresentada durante as conclusões e considerações finais.

Apenas as entrevistas gravadas serão utilizadas, embora as informações obtidas na APROSBA, em todo o contato com o campo e com Fátima Medeiros tenham sido fundamentais para algumas reflexões, não constarão na apresentação dos resultados por se tratar de um trabalho sobre a subjetividade e a partir da subjetividade.

#### **4.7 Recursos Materiais**

- Um rádio gravador;
- Fitas K7;
- Um diário de campo.

#### **4.8 Preceitos éticos**

Foi explicitada a garantia dos preceitos éticos ao longo de todo o processo de coleta e análise de dados, além da garantia de preservação do anonimato nas futuras divulgações científicas, elaborado conforme a resolução nº 196/96 sobre a pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Tal procedimento ético contou com o pedido de consentimento de participação voluntária, que conteve a descrição da parte metodológica e ética da pesquisa. Foi firmado o compromisso do pesquisador em realizar uma entrevista devolutiva às participantes e ao sindicato dos resultados e análises obtidos na investigação científica.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A construção do relato sobre a própria história de vida no trabalho permite uma visualização da organização de diferentes partes de um processo de forma que a percepção da coerência que estas partes estabelecem entre si, permita a compreensão do princípio lógico que funda a sua estruturação.

Portanto, a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada aplicada nas participantes da pesquisa, contemplou uma organização biográfica, solicitando que elas relatassem a trajetória de vida como prostitutas.

Vejamos as duas histórias de Mariana e Graziela .

Só para recordar: Mariana tem 37 anos, branca com o cabelo pintado de louro, tem 2 filhos e estava grávida de 3 meses à época da entrevista e trabalha na prostituição há 23 anos, desde os 15. É natural do interior da Bahia e já trabalhou na estrada, em Maceió e em Salvador; está na Ladeira da Montanha há 17 anos.

## 5.1 Entrevista com Mariana

### 5.1.1 O início na prostituição

**MARIANA**<sup>8</sup> - Bom, eu sou Mariana Silva, tenho 37 anos, sou prostituta há 23 anos. Comecei na prostituição de menor ainda, com 15 anos de idade, eu comecei. Naquele tempo não tinha essa fiscalização como tem hoje, de proteção ao menor. Eu fui explorada inicialmente morando em boate, ser de menor. Mas eu comecei devido a problema familiar mesmo, minha família pobre e assim, pouco sem cultura e foi ser crente. E aí eu gostava muito de discoteca, de andar, de ter amizade. Meu pai me privou muito, me prendia, me batia então eu me senti uma pessoa presa a uma gaiola. Então eu comecei a pensar, poxa eu queria ir pra casa dos meus parentes, mas também como já com recomendação dos meus pais que *eu não prestava, que eu gostava disso, daquilo e tal. E eu ainda era virgem nesse tempo. Eu só tava me descobrindo ainda tava... era adolescente ainda, 15 anos de idade. Aí eu peguei e saí de casa. Saí de casa e, sem destino...* eu sempre fui aventureira então essa minha primeira aventura assim eu peguei a BR e digo vou pegar um caminhoneiro aqui e vou pra qualquer lugar. Aí dei a mão o caminhoneiro parou e disse “Você vai pra onde” e eu falei não sei, estou sem destino. Aí a gente começou a conversar tal, conversa vai, conversa vem ele disse que tava indo pra tal lugar eu disse também, então vou com você. Mas chegando lá ele disse, “Olha, toda semana eu to passando

---

<sup>8</sup> Doravante nomearemos Mariana de M.



por esse local eu posso, eu vou pagar um hotel pra você, você fica e ai toda semana eu passo e pego você e a gente vai dar esse passeio, eu pago hotel, seu almoço e tal” Quinze nos também ele já tinha cinqüenta anos eu digo tudo bem é uma pessoa legal, e eu nunca tinha tido relações sexuais. Nessa primeira vez eu viajei com ele e não tive. Quando foi na segunda foi que aí eu já comecei a ter relações com ele pela primeira vez. E aí foi quando eu fiquei com ele um mês mais ou menos e engravidei da minha filha, hoje tem vinte anos. Eu engravidei com quinze anos. Só que depois ele sumiu, quando ele soube que eu estava grávida ele queria dar remédio para eu abortar e eu não queria. Aí ele sumiu, desapareceu. Também endereço dele não sabia, quem ele era realmente. Aí o dono do hotel me botou pra fora que eu não tinha mais como pagar. Inclusive o dono do hotel queria se aproveitar de mim, queria que eu transasse com ele para me dar comida e a dormida, e eu não quis.

A entrada de Mariana na prostituição não se deu como uma escolha prévia. A situação se colocou de uma maneira que ela por querer sair de casa, prezar sua liberdade e procurando conhecer outras coisas do mundo, acabou tendo relações com um homem mais velho e engravidando. Esse fato repercutiu e, de certa maneira, define seu futuro profissional:

**M** - Eu voltei para a beira da pista de novo e, quando eu estava esperando a carona apareceu uma pessoa, uma mulher que estava na beira da pista também esperando carona com um acriança e falou assim “Você está indo pra onde?” Eu falei, eu contei a minha história pra ela e ela disse “to indo pra casa da minha tia, bora comigo?”. Eu fui. Só que quando eu cheguei lá na casa da tia dela era um bordel. Era uma boate.

**RENATO**<sup>9</sup> - Não era a tia de carne, eu imagino.

**M** - É, depois chegou lá foi que ela veio me contar realmente o que era. Ela disse “olha pela sua história que você me contou aqui é muito melhor pra você vai ganhar seu dinheiro, você vai se sustentar, pode alugar sua casa ou.. aí você vai se virar aí”. Aí me falou como é que, eu fiquei com medo porque eu nunca tinha, tinha feito isso. Aí pronto, fiquei lá mais ou menos um mês.

Dada sua falta de experiência, e o seu relacionamento com o caminhoneiro, foi dito a ela que a prostituição era a única saída para se manter financeiramente. Vanwesenbeeck (2001) cita que a iniciação sexual, ou o relacionamento sexual com homens mais velhos é um fator que influencia na estrada das mulheres mais novas na prostituição. Aqui entram fatores como a valorização social da virgindade, ou do recato da mulher e, uma vez perdido, como no caso de Mariana, passou a ser vista do ponto de vista moral como uma prostituta, ou, pelo

menos, como esta sendo uma carreira para ela, carreira pensada como projeto de vida no trabalho (Ribeiro, 2009b). Esse fator definidor foi aceito por ela, e assim se dá o seu começo na profissão.

**R** - O que você não gostou?

**M** – Ah , não gostei do início. Porque no início pra mim foi muito difícil. Assim uma questão muito difícil pra mim no início e eu não gosto, é uma página lá do passado eu não gosto de voltar ao começo assim, pra... pra ver o passado. Prefiro ficar cega, esquecer. Não gosto. Porque aconteceram muitas coisas. Ruins! No passado, mas hoje em dia não, hoje em dia eu gosto, eu to na profissão ainda porque eu quero, porque eu gosto e não por falta de opção. Porque têm outras opções pra mim, entendeu? Mas eu não quero, eu gosto. Não sei amanhã se eu, eu posso sair amanhã ou depois também. Porque a gente, tem dia que a gente cansa porque como eu sou livre e gosto de, de coisas inovadoras sempre eu gosto de estar sempre, passo três anos com um, dois anos com outro. Na profissão até hoje eu não enjoei ainda, mas não sei, amanhã como é que vai ser. Só se eu ficar doente, ou ficar, não poder, não poder mais fazer programa, mas eu gosto de fazer programa. Eu gosto tar saindo com outras pessoas, de conversar, de liberdade.

Ela relata que esse começo foi difícil de tal maneira, que acabou repercutindo no seu desejo. Em outro trecho ela nos conta que não gosta de transar com homens mais velhos, sente “nojo”. Fato diretamente relacionado com esse caminhoneiro e com o seu primeiro programa, um homem bem mais velho que a assusta ao ficar nu na sua frente. Apesar desse começo difícil segundo ela, não acredita ter a prostituição sido um destino fatal, e sim uma escolha que ela exercita, ainda hoje, todos os dias.

A escolha é a resultante possível entre aquilo que quero, aquilo que posso e aquilo que existe para mim na realidade do trabalho, ou seja, depende da relação entre as aspirações subjetivas e as condições concretas de vida (Bohoslavsky, 1977).

**M** - Não gostei muito porque eu era novinha, eu era a mais nova de lá, tinha muitas outras mulheres mais velhas e tinha essa questão de disputa, de, e, teve umas que queriam me agredir, porque o pessoal fazia fila pra querer sair comigo. Aí eu peguei e saí de lá. Aí saí de lá e fui pra outros lugares e aí fui. Minha trajetória na prostituição de menor.

---

<sup>9</sup> Doravante nomearemos Renato (entrevistador) de R.

**R** – Não se preocupa, vai contando.

**M** - Mas é muita coisa, é bom interromper um pouco pra eu já ir pra outra parte.

**R** – Pode ir contando à vontade, não se preocupe.

**M** - Eu não conhecia muitas pessoas e ainda sempre nesses lugares que eu sempre, que eu sempre ia sempre tinha essa questão das pessoas ficarem... com... ci... não sei o que que era, se era ciúme, inveja, não sei o que que era. Ficavam falando de mim, falava pros clientes, falava que eu tava doente, me botava pra fora.

**R** – Pessoas você diz são outras prostitutas?

**M** – É, outras prostitutas, a dona da casa. Inclusive uma dessas vezes que eu estava grávida, a 15 anos atrás, eu tava grávida que eu fui pra outra boate, eu tava com 5 meses de grávida, eu acordei com a mulher, que era dona da boate, me dando uma surra de chicote de boi. Eu saí correndo, pelada, eu estava dormindo, que eu só gosto de dormir pelada. Eu saí pelada no meio da rua, ela me batendo. Dizendo que eu tinha ficado com o marido dela. E eu não tinha ficado com o marido dela. Isso tudo porque eu era novinha, era bonitinha e tal, sabe?

**R** – Uhum.

**M** – Então, aí na Montanha também teve essa questão. Eu tava muito bem numa casa, ganhando muito bem, de repente a dona me botou pra pra fora. Acho que por causa das outras, porque aí na Montanha as mulheres é tudo mais antiga, mais coroas. E na época que eu cheguei aí eu tinha vinte, vinte e poucos anos. Ai eu digo poxa eu vou pra onde agora? Aí encontrei uma outra amiga que ficava lá, a única, e disse eu vou te levar pra um lugar até melhor. Aí me levou aqui pro comércio, pro Damasco, que eu batalho até hoje nesse local, nesse ambiente.

A idade e sua atratividade foram fatores que pesaram no começo de sua carreira com relação ao ciúme das outras prostitutas ou donas-de-casa<sup>10</sup>. Podemos dizer que estas seriam aptidões importantes para o exercício do trabalho, conferindo uma vantagem competitiva.

Segundo Guimarães & Merchán-Hamann (2005):

as mulheres com mais idade, que geralmente trabalham nas ruas, têm mais tempo de profissão e são vistas como tendo mais experiência no ofício, porém muitas vezes

---

<sup>10</sup> Usamos aqui a denominação *dona-de-casa* da mesma maneira que Moraes (1995) utiliza em seu trabalho Mulheres da Vila. Embora mesmo problematizado por ela, a distinção entre dona-de-casa, protetora que não explora a prostituta e a cafetina, que explora, não se aplica bem ao nosso trabalho, pois Marilenne tem uma aversão a trabalhar em locais fechados justamente por sua experiência ruim e de exploração e maus tratos. Escolhemos o termo por já constar da literatura e dar conta do que queremos expor aqui.

são preteridas por clientes que preferem mulheres mais jovens e não exigem a experiência sexual como condição para a realização do programa (p. ).

### 5.1.2 A questão do ciúme e a violência nas relações de trabalho

Esse fator que foi gerador de muito sofrimento para ela e o ciúmes, com veremos, será uma categoria fundamental para compreendermos a história de Mariana. Sendo inclusive motivo de violência e de atrito com outras prostitutas:

**M** - Mas uma situação... assim... bem complicada... Eu não conhecia muitas pessoas e ainda sempre nesses lugares que eu sempre, que eu sempre ia sempre tinha essa questão das pessoas ficarem... com... ci... não sei o que que era, se era ciúme, inveja, não sei o que que era. Ficavam falando de mim, falava pros clientes, falava que eu tava doente, me botava pra fora.

Além disso, o ciúme traz a ela problemas em relacionamentos pessoais e amorosos e é um dos motivos pelos quais ela não gosta e não trabalha em casas, prefere a liberdade das ruas do centro de Salvador, indicando, aqui uma escolha por forma de organizar seu trabalho: como autônoma ou como funcionária. Vejamos um relato de seu trabalho em uma casa de prostituição:

**M** – Sim, depois a minha barriga foi crescendo, crescendo, eu ainda até tomei remédio para abortar, pela situação eu. Aí eu não conseguia é, juntar dinheiro pra comprar uma casa ou pra, nem pra um aluguel. Porque eu ficava nas boates e aí era explorada. Eu ficava a noite toda bebendo. O dinheiro que ganhava, naquele tempo quem recebia era o dono, que recebia o quarto e o dinheiro que os clientes pagavam. A gente não sai a de lá, ficava lá o tempo todo tinha até cachorro no portão, brabo, pra gente não sair. E aí elas diziam...

**R** – Vocês ficavam presas.

**M** – É. Elas compravam roupa, tudo pra gente. Tudo a gente tinha do bom e do melhor, mas não podia sair. E aí, quando descobriram que eu estava grávida, aí quiseram me dar remédio pra, pra eu abortar e eu falei que não. Eu até tentei também. Mas não, não... graças a deus não consegui abortar minha filha. Graças a deus. Hoje ela tem 22 anos, já sou avó. E... [fica um tempo em silêncio e ri do silêncio].

**R** – Que foi?

**M** - Essa história foi uma história meia triste assim. Aí eu, depois a minha barriga começou a crescer. Eu consegui sair, eu pulei o muro, consegui sair de lá da casa.

**R** – Fugir?

**M** – É, fugi. E fui pra casa da minha mãe, aí voltei pra casa.

Mariana esteve sujeita a condições que mais lembram o trabalho escravo, tendo inclusive que fugir para ter de volta sua liberdade. Esse tipo de exploração, a cafetinagem (Moraes, 1995) é um dos grandes problemas da prostituição. É criminalizado no Brasil sob a denominação de lenocínio porém, como lembra Lopes, Rabelo & Pimenta (2007), o Direito omite a prostituta como figura jurídica, uma vez que a prostituição não é uma profissão regulamentada, apesar de constar na lista de ocupações da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) como profissionais do sexo, o que legitima, mas não regulamenta a prostituição.

A violência física contra Mariana também é algo que chama atenção, a tentativa de fazê-la abortar com remédios é do interesse econômico dos donos do estabelecimento, pois uma prostituta grávida ou com um recém-nascido não pode fazer programas e, conseqüentemente, gerar lucro para o estabelecimento. Daí a tentativa do aborto contra a vontade dela. Essa experiência foi fundamental para a decisão de Mariana de não trabalhar em casas de prostituição.

Pode-se dizer que a precariedade de condições de trabalho e o assédio moral marcado pela violência fazem parte do cotidiano das prostitutas estudadas.

### 5.1.3 Família e questões de maternidade

A vida de Mariana como prostituta não foi plenamente aceita por sua família nem passou despercebida e sem consequências em sua relação com eles:

**M** – É, fugi. E fui pra casa da minha mãe, aí voltei pra casa. Só que aí aquela coisa né, do meu pai, minha mãe e tal. E aí, com 8 meses, eu fiquei só quinze dias em casa aí eu pari. Pari aí larguei minha filha lá, porque em, casa tava uma complicação, voltei novamente pra prostituição. E... passou um tempão, fui parar em Maceió, fiquei me prostituindo... muito tempo também... Minha família pensou que eu já, eu fiquei cinco anos sem dar notícias. Depois escrevi uma carta pra minha mãe. Aí na carta tinha o endereço, eu nem esperava, quando um belo dia ela apareceu na zona. Eu tava morando na zona ainda.

**R** – Lá em Maceió.

**M** – Foi, em Maceió. Ela apareceu lá, ela e meu pai. Aí, ela... meu pai todo ignorante, crente, me viu naquela situação, queria me levar pra casa. Ah mas aí..., mas.. menina vá pra casa... mas naquela situação assim de que, que eu era uma puta e não sei o que, minha mãe querendo e meu pai depois ficou sem querer, porque eu ia estragar as outras minhas irmãs, que eu tenho cinco irmãs. Aí eu não fui, continuei lá. Depois... eu já tava com 19 anos engravidei novamente, do meu filho que tem 17 hoje. E foi assim... eu... arranjei... tive outras oportunidades de trabalhar em casa de família e só. Mas eu não quis porque na prostituição, não é dinheiro fácil, mas é um dinheiro rápido assim, pelas necessidades que você têm ali você ganha um dinheiro rápido e pronto. Não é igual você estar trabalhando um mês, pra esperar um mês pra receber, bater ponto. Eu sempre gostei de ser livre mesmo. Depois eu tive... que eu fiquei de maior eu já consegui alugar meu quarto porque eu já assinava contrato. Aí fui conseguindo guardar um dinheirinho, eu ajudei a minha família, mandava dinheiro pra minha família. Minha família ficou com aquele preconceito mas depois acostumou. Eu já tenho 23 anos na prostituição, e... Aí eu tive meu filho e continuei, fiquei até 6 meses em Maceió, o meu filho tinha 6 meses aí eu voltei pra Bahia. Comprei uma casa pra minha mãe. Minha mãe tinha uma casa mas teve um problema de doença e tal, vendeu. Aí eu comprei outra pra minha mãe. Mas assim aí voltei pra Salvador e minha mãe ficou lá, depois minha mãe continuou com problema sério de saúde, teve que fazer hemodiálise, aí eu trouxe ela praqui pra Salvador. Ela ficou fazendo hemodiálise ali nos Barris e eu comece a batalhar aqui na Montanha, na ladeira da Montanha. Na época tem, acho que tem uns quinze anos, foi a uns quinze anos atrás. Eu batalhei na Montanha. Consegui comprar uma casa, outra casa, comprei uma casa pra mim. A de lá do interior meu pai vendeu e comprou uma aqui pra eles e eu comprei uma aqui pra mim e a minha mãe ficou fazendo hemodiálise e eu continuei trabalhando aqui na ladeira da Montanha e pagando uma pessoa pra tomar conta dos meus filhos. Mas uma situação... assim... bem complicada.

Assim como Moraes (1995) aponta, nossa entrevistada não é uma desgarrada da família como costumava-se pensar das prostitutas. A maternidade e o cuidado com os pais é

muito importante para Mariana e não foram negligenciados por ela. Enfrentou o preconceito da família com relação à sua atividade, especialmente no que tange à questão moral e a preocupação que ela iria influenciar suas irmãs.

E, depois de passado algum tempo ainda passou a sustentar sua família, inclusive sua mãe doente, com o dinheiro que ganha na prostituição. Para Mariana, a família é muito importante e nunca deixou de se preocupar com ela, inclusive agora que está grávida de novo, nem sequer menciona a possibilidade de um aborto durante a nossa entrevista.

A necessidade de sobrevivência, muitas vezes, faz com as pessoas flexibilizem seus valores por conta desta necessidade e possam passar a perceber o trabalho do outro como digno, apesar do preconceito e das questões morais.

#### **5.1.4 A prostituição como opção de trabalho**

Mariana vê vantagens em trabalhar na prostituição, pois apesar de outras opções escolhe essa atividade como seu sustento:

**R** – Então você está aqui no Damasco desde que você tinha vinte e?

**M** – Eu tenho 17 anos no Damasco, a idade, vai fazer dezessete, a idade do meu fi...

**R** – 17 anos. Naquele bar, ali embaixo?

**M** – É, é.

**R** – E aí você fica lá, esperando os clientes? O clientes chegam e você faz seu...

**M** – É eu já me acostumei, me acomodei ali no Damasco. É ótimo assim. As vezes quando eu não estou o cliente me liga, eu estou em casa, tem cliente que eu dou meu telefone, me liga eu saio e tal. É assim... E não quis outro, outra... eu fiz curso de cabeleireira, esteticista, é, tem outras profissões, mas eu... só pra ter assim, por prazer. Que eu gosto de arrumar cabelo, gosto de fazer unha. As vezes eu vou pra casa da minha irmã, eu pego a galera toda, minha família, minhas sobrinhas, meus irmãos tudo. Aí eu corto cabelo eu faço... mas pra trabalhar em salão assim eu só

trabalhei uma semana e não quis porque eu gosto muito de liberdade. Como eu te falei no início eu não gosto de cumprir horário... assim se eu marcar com você eu vou, como eu disse. Mas eu não gosto de bater cartão, esse negócio de estar ali todo dia, que chova, que faça sol, que eu seja doente, que eu tenha que dar explicação porque eu não fui, por causa disso. Não gosto. Eu não gosto de dar explicação nem a marido, a nada. Nem a filho não dou explicação nenhuma. Conversar tudo bem, mas negócio de dar satisfação não sou muito afim não. Eu gosto de ser livre. Então eu tenho várias outras profissões mas...

**R** – E nunca exerceu nenhuma delas?

**M** – Não.

**R** – Só tem os diplomas?

**M** – É.

**R** – Só a formação.

**M** – Eu exerço assim. Exerço mas não assim... pra eu dizer vou ficar empregada, ou então vou montar um salão vou trabalhar pra mim, porque eu tenho condições pra isso. Mas eu não tenho vont... não tenho... eu penso poxa eu vou ter que tar lá direto, porque o boi só engorda com os olhos do dono né? Se eu montar um salão eu sei que eu... eu gosto de acordar tarde, eu gosto de tomar minha cachacinha. Eu sei que eu vou acordar tarde, eu vou acordar com ressaca, aí não vou trabalhar aí não vai ser, sabe? Eu gosto de cumprir com meus compromissos. Então a prostituição é bom isso assim, que você ganha o dinheiro rápido, você não tem compromisso. Se você, se chegar o cliente ali você quiser sair você sai, se você não quiser você também não sai. Você ganha hoje amanhã você não quiser ir trabalhar você não vai. Se você quiser ir todo dia você vai, é assim. Você tem essa liberdade.

A liberdade e a recusa do papel de vítima batem de frente com a imposição de horários e compromissos presente em outras profissões e não na prostituição, devido ao seu caráter de autônoma. Trabalha quando quer, como quer, e se quer. Obedece apenas às necessidades financeiras, se precisa de mais dinheiro tem a opção de trabalhar mais.

As outras opções de trabalho e formação que teve, não exercidas, nos mostram a recusa do papel de vítima. Não é uma mulher que não tem opção e por “já estar na vida” tem que ser prostituta. Mariana tem outras opções, apenas escolhe a prostituição por causa das vantagens que à ela, parecem ser melhor do que as de outras profissões, como apontam Pasini



(2005) e Ribeiro & Sá (2004) ao questionarem a máxima de que a prostituição se dá por falta de opção, e afirmarem a possibilidade da escolha em ser prostituta.

Lopes, Rabelo & Pimenta (2007) salientam que não há conflito pessoal, o conflito é social, é a maneira como a sociedade (acostumada a dividir as mulheres entre a “santa” e a “puta”) vê a prostituta. Elas recusam o papel de vítima das circunstâncias, ou de sua história de vida, pois:

julgam-se possuidoras de um poder, privilégio de poucas, que é o poder de ter o homem que desejarem por serem verdadeiras armas de sedução. Justamente por isso, sentem-se superiores em relação às mulheres ditas "normais", que não possuem tal poder sobre os homens (Lopes, Rabelo & Pimenta, 2007, p. ).

O mesmo pode ser dito com relação a Mariana e o trabalho. Ela não acha a profissão degradante, errada ou condenável, não está nela por uma falta de opção ou porque é o que lhe restou. Ela esta, porque quer e, nas condições de trabalho que escolhe (trabalhar na rua e nos bares da Ladeira da Montanha). Lamenta algumas coisas de sua profissão e vida, especialmente o começo difícil, mas tem consciência de seu papel de protagonista na atividade profissional.

A possibilidade da autonomia e do poder que são percebidas na prostituição parecem ser elementos que constroem o contrato psicológico da profissional com as condições e a organização do trabalho que, apesar de haver regras de conduta, podem ser transformadas no dia-a-dia do trabalho (Ribeiro, 2009b).

A escolha e a construção de um projeto de vida no trabalho são possíveis na prostituição como apontaram Pasini (2005), Ribeiro & Sá (2004) e Rodrigues (2004), bem como produzir sentidos (Molina, 2003) e identidade (Silva, 2005).

### 5.1.5 A questão do ciúme 2: vida profissional e vida afetiva pessoal

A atividade profissional afeta a vida pessoal (e vice-versa também) de muitas maneiras o ciúme é o ponto mais marcante na vida de Mariana. Categoria fundamental para a entendermos e também sua relação trabalho-vida pessoal:

**R** – E como é que foi, você sempre teve um companheiro, ou você nunca teve?

**M** – Sempre tive.

**R** – Sempre teve um companheiro... você mora com ele como é que foi?

**M** – Eu já fui casada no civil e tudo!

**R** – Conta como foi esse casamento.

**M** – Eu já casei com um cara aqui do comércio, que ele era meu cliente e ele quis, gostou de mim, quis casar comigo tal, casei. A gente morou junto 3 anos, ficamos morando juntos. Só que aí ele queria casar e tal, também aceitei. Quando a gente casou, com oito dias a gente separou.

**R** – Oito DIAS? Ficaram 3 anos morando juntos?

**M** – Oito dias de casado a gente separou. Porque ele era muito chato. Eu sempre gostei de beber, e ele sabia o que eu fazia. Só que eu não tava fazendo mais. E aí eu não podia ter amizade, chegar oito horas, dez horas em casa e se eu chegasse com cheiro de álcool ele dizia que tava no brega, que eu tava fudendo com outros homens, não sei o que e aí... aí foi a gota d'água. Aí não deu.

**R** – Vocês ficaram três anos morando juntos, mas você continuava trabalhando?

**M** – Não, não trabalhei esses três anos.

**R** – Foram três anos sem trabalhar?

**M** - Foi.

**R** – Você ficou só com ele?

**M** – Porque ele tava me dando tudo, todas as necessidades assim minhas ele supria então a gente ficou junto. E eu gostava dele, amava ele. Mas foi ficando chato, ficando chato, por causa do ciúme dele. Ele tinha muito ciúme de mim. Chegava até o momento dele mandar abrir a boca pra cheirar a minha boca pra ver se eu tinha bebido.

**R** – Ele tinha ciúme de você com outros homens, não da bebida?

**M** – Isso.

**R** – A bebida era só um jeito de achar que você estava com outros homens.

**M** – Não, a bebida porque se eu tivesse bebendo eu estava em alguma brega, em alguma, com alguém. Aí foi nesse dia que ele pediu pra eu abrir a boca pra ele cheirar, eu dei um grito na cara dele, botei ele pra fora de casa. A casa era minha, na minha casa. Ele tava botando tudo mas a casa era minha. Eu digo sai daqui, sai daqui ele ainda não queria sair eu comecei a gritar, fazer escândalo, sabe que homem não gosta de escândalo, comecei a gritar. Saí no meio da rua gritando ele se picou. Se mandou. Até hoje. Agora o trabalho foi pra se divorciar viu, ô trabalhinho. Nunca mais na minha vida eu quero me casar. Ele não queria se separa eu tive que pagar advogado resolver essa papelada toda. Resolveu graças a deus. Ele não tinha filho ainda. Hoje em dia sei que ele é casado, já tem três filhos. Dei graças a Deus.

**R** – E você acha que acabou, o problema foi aí o ciúme dele?

**M** – Foi. Era doença, né? Tem homem ciumento, homem machista, ignorante. Sem a cultura, sei lá tinha uma cultura assim não olhava a diversidade dos lados.

**R** – Mas isso tem a ver com a sua profissão?

**M** – Teve.

**R** – O ciúme dele era por causa da sua profissão que ele sabia.

**M** – Isso, ele sabia é.

O ciúme é um problema nos relacionamentos amorosos de Mariana. Sempre paira uma sombra das relações que tem ou teve com os clientes e isso afeta sobremaneira o comportamento de seus companheiros. A contrapartida do ciúme, ou o preço para que ela

abandone sua atividade profissional é o sustento. Se o companheiro a sustentar, ela para de fazer os programas, caso contrário têm que se manter. Porém o ciúme não é só dado nessa base, sempre fica uma desconfiança em todos os aspectos da vida de Mariana, se usa uma roupa assim, se sai tal ou tal hora, tudo é motivo para o ciúme até que, vencida por ele resolve fim ao relacionamento, prefere acabar com os relacionamentos do que se submeter ao controle crescentes.

**R** – Você acha que é mais difícil pra você arrumar um companheiro, por exemplo ou um marido um namorado tendo nessa profissão?

**M** – Acho.

**R** – Acha? Por que?

**M** – Por causa dessas questões todas.

**R** – De ciúme?

**M** – É. De ciúme. Ele não... de confiança. E não sabendo eles bestas, idiotas que as mulheres putas, prostitutas são mais fiéis porque já conheceu, já sabe de tudo já conheceu vários homens, tudo. Elas são mais fiéis do que as que não teve. Porque quem não teve têm a curiosidade de conhecer outros homens. Às vezes o vizinho dá um pssst. O marido às vezes não liga muito, vira aquela rotina. De vez em quando ela sai assim até toda desarrumada tem um cara que fica olhando ela já se acha um pouquinho né? Daqui a pouco já tá dando a boceta pra ele de graça mesmo. Ou larga até as vezes ele pra morar... aí fica aquela... é baixaria pior ainda eu acho.

**R** – Então é essa, o problema na verdade é a confiança?

**M** – É, a confiança.

**R** – Esse foi um grande problema pra você?

**M** – Foi e sempre será. Porque se eu, qualquer homem que eu arranjar, se eu largar o meu hoje e arranjar outro... na prostituição sempre vai ter essa coisa de ah eu vou aqui na casa de uma amiga, ele vai querer ir junto, ele vai querer saber de alguma coisa porque ele vai ficar sempre desconfiado. “Ah será que ela não foi se encontrar

com algum cliente, com algum outro homem” “Ela sempre foi mulher de vários homens ela não vai ficar só com um, não sei o que” Sempre pensam essas besteiras.

A desconfiança parece ser um fator de gênero, mas também de profissão<sup>11</sup>. Mariana é categórica ao afirmar que para uma prostituta, sua atividade profissional sempre será um problema nos seus relacionamentos amorosos por causa de ciúmes, chegando até a extremos:

**R** – Tá, você ficou quando tempo com esse?

**M** – Eu fiquei mais ou menos um ano. Mas esse foi muito violento. Ele me espancou. Aí eu... Tudo por questão... por eu ser puta. Não Acabou não menino? [nessa fala ela falou mais baixo, visivelmente abalada].

Até violência por causa do ciúmes de seus companheiros ela sofre. Ainda impera uma certa concepção de que as prostitutas não são mulheres de respeito, havendo uma justaposição entre a pessoa e o papel exercido, muitas vezes, de difícil separação, marcando por demais a identidade da prostituta, configurando um estigma complicado de ser ultrapassado (Goffman, 1985), e que também parece corroborar a tese que vê a prostituição como submissão/escravidão da mulher (Hughes, 2004; Pateman, 1993; Raymond, 2003), marcada pela opressão de gênero gerada pela dominação masculina, na qual até mesmo uma experiência homossexual com uma colega na prostituição acaba trazendo problemas de ciúmes para Mariana.

**M** – Eu já morei com uma mulher também. Eu digo agora não agüento mais homem, vou morar com uma mulher. Mas não foi assim vou morar com uma mulher não, aconteceu. E eu gostei da mulher. Achei aquilo o máximo foi uma, foi a única mulher. A mulher era carinhosa, era atenciosa, era uma coisa assim sabe, beleza.

**R** – gostou de que, de viver com ela ou de, de ter relações com ela.

**M** – De tudo, de tudo, de tudo. [pausa] E aí também o ciúme era pior.

---

<sup>11</sup> Colvero (2008) lança a questão trazida por Mariana: a prostituição ou o sexo como profissão é uma questão de gênero ou uma escolha?

**R** – Ela tinha ciúme de você?

**M** – Era. Porque ela trabalhava na zona também e eu, e pronto. Aí também não deu certo. Aí eu peguei e caí fora. Fiquei só uns cinco meses e aí caí fora. Digo ah não dá não. Aí eu digo eu acho que eu tenho um espírito ciumento. Assim que faz os homens ficarem com ciúmes de mim e também, depois, às vezes quando ta em uma boa também, aí a gente, por outro motivo termina, parece que tem um cara atrás de... já... ciumento.

**R** – Como é que é essa história, desculpa voltar um pouco, você namorava com ela, quer dizer você tinha uma relação com ela...

**M** – Sim.

**R** – ...mas vocês duas trabalhavam na, na zona. E aí como é que era, você falou que o grande problema é que ela tinha ciúme. Ela tinha ciúme dos clientes ou, ou dos clientes não? Como é que era?

**M** – Ela tinha ciúme dos clientes. Porque ela sempre soube que eu gostava de homem. E eu sempre falava pra ela. Ela foi uma exceção na minha vida e foi a única. Nunca mais quis saber de mulher. Quando eu lembro eu me ripuno não quero nem saber. Meu negócio é pica mesmo [risos]. Aí ela ficava com ciúme, ficava com medo de me perder pra outro homem, assim quando eu saía. Ela sempre soube que eu gostava de negão, de picão, gostava muito de rola [risos]. Aí ela ficava com ciúme. Mas não fique com ciúme não, que eu gosto de você e tal. Mas ai aconteceu e a gente se separou, não deu mais. A gente morou até aqui no centro.

Mesmo com uma mulher, que estava na mesma atividade que ela e sujeita às mesmas vicissitudes, acaba tendo problemas de ciúmes, até mesmo com relação aos clientes, denotando o limite tênue entre vida pessoal e vida profissional, que podem ser misturar facilmente.

**R** – E que mais, que outros relacionamentos você teve aí que foram importantes na sua vida, e como é que foi que começou como é que...

**M** – Nenhum foi importante. No início a gente acha importante e tal, daí vem [risos nós dois] a decepção. Eu acho que não é só na minha vida, não é só na vida de prostituição não. Qualquer relacionamento comum tem essas coisas: no início é meu bem pra lá, meu bem pra cá, depois é meus bens pra lá, meus bens pra cá, aquelas coisas, aquelas brigas. E sempre cai na rotina. E mesmo, e olha que eu sou muito criativa, sou profissional mesmo também. Eu sou uma pessoa afetiva, amorosa, eu sou carinhosa, sou respeitadora, sou educada, tudo. E aí eu conseguia ficar três, quatro, cinco anos com um homem.

**R** – Você ficou três anos com, com seu ex-marido, está há sete agora com esse companheiro.

**M** – É.

**R** – Ficou 5 meses com a companheira. Que mais.

**M** – Já tive outros também mas foi menos. Acho que teve um que foi quatro meses. E sempre essa questão, briga essas coisas sabe. Baixaria eu, aí eu caía fora.

**R** – Mas briga por causa da profissão ou...

**M** – [pausa] sempre por causa da profissão. Sempre, porque eu sou... eu não gosto de mentira, eu gosto da verdade, mesmo que eu conheça uma pessoa fora, como essa pessoa que eu estou agora eu conheci fora. Eu conheci fora.

**R** – Não é ex-cliente seu?

**M** – Não. Eu conheci fora.

**R** – Nunca foi?

**M** – Não nunca foi cliente meu. Mas eu falei a verdade pra ele, não escondi dele não. Na época eu ainda tava fazendo programa e tal aí ele quis ficar comigo tal e a gente foi ficando, ficando e aí acabamos ficando juntos. Depois de dois anos a gente começou a morar junto. Aí ele disse “agora você não vai fazer mais programa”. Aí eu falei ta bom. Mas como ele, ganha dois salários. Aí não dá pras necessidades todas né? Eu tenho dois filhos. Quer dizer hoje eu, que eu to sustentando tem um, tem dois, agora. Então eu saio, sem ele saber, ele tá trabalhando eu saio.

**R** - Ele não sabe então?

**M** – Não sabe. Se ele souber ele nunca me falou né. Porque normalmente às vezes sabe e não fala nada, né?.

**R** – Então, do meu ponto de vista aqui você parece que, pelo que você me falou a maioria dos seus relacionamentos, senão todos, acabaram por causa de ciúme ou por causa de uma questão ligada à profissão.

**M** – Isso.

Então, o ciúmes e o fato de fazer programas é um grande problema para os relacionamentos amorosos. Sempre fica o medo do companheiro ser traído ou falado. Sempre fica o estigma de que uma prostituta gosta demais de sexo ou da prostituição e não viverá sem, traindo-o na primeira oportunidade que tiver. Fica ainda a idéia de que uma prostituta sempre voltará a fazer programas, porque é isso que ela é. O que acontece é que Mariana mente para um companheiro que não faz programas, mas ainda faz, porque precisa de dinheiro para sustentar a ambos.

### **5.1.6 Prostituição: possibilidade de liberdade para a mulher?**

A atividade profissional leva Mariana a ter concepções de gênero também um pouco diferentes das tradicionais femininas. Ela expressa que mesmo transando por profissão, não transa sem vontade<sup>12</sup>, o mesmo ocorre na vida pessoal.

**M** – É. Esses dias meu marido estava querendo fazer sexo comigo. Eu não tava querendo, não tava afim. Ele veio me forçar, fazendo força nas minhas pernas querendo que eu abrisse as pernas pra transar com ele, eu digo se você fizer isso eu vou na delegacia. Porque isso é um estupro. Ele disse “mas você é minha mulher”, eu digo não, mas eu não quero. Se você fizer isso você vai preso. Imediatamente. Você terminar eu vou na delegacia. Ai fiquei venha, eu não quero, mas se você quiser vir venha. Ele não foi, não veio não. Quer dizer talvez com um cara... mas as vezes tem, tem momentos de homem, momentos do homem que parece que o homem é um animal. É um bicho. Já com... ontem mesmo eu tava querendo, eu digo bora dar uma namoradinha, e ele “não, não to afim”. Eu digo ah se fosse eu você ia lá com seu pinto já duro, vinha e pá, metia e me fodia. Mas eu, você tá com seu pinto mole não tem nem como eu te comer nada [risos]. É mais difícil, né?

**R** – É. Tem esse problema, né?

**M** – Mesmo dando uns beijinhos, fazendo uma docinha, “não to afim”, eu digo ahh tá, então cê tá com outra, né? Tá querendo levar chifre, né?

---

<sup>12</sup> Russo (2007) discorre sobre a complexidade do dinheiro e do pagamento na prostituição. Mariana também está sujeita a isso e, como várias, a pessoa com quem irá fazer o programa e o que será feito depende de uma complexa negociação e que o fator financeiro pesa bastante. Mariana faz programas com velhos, apesar de seu trauma e também faz sexo quando não está com vontade, todos esses elementos entram na complexa atividade de negociação.



Isso nos remete à uma liberdade maior de gênero, possibilitada pela prostituição. Como argumentam Lopes, Rabelo & Pimenta (2007), as prostitutas se sentem superiores às outras mulheres por terem um poder maior de sedução sobre os homens. Mariana simplesmente se recusa, nas suas relações pessoais, a fazer sexo sem vontade. Muito disso é atribuído por ela mesma à sua experiência como prostituta.

A prostituição, neste sentido, parece trazer uma emancipação de gênero, apesar que, ao mesmo tempo, carrega, em si mesma, a violência de gênero característica do feminino, configurando a ambiguidade existencial do projeto de vida de trabalho na prostituição (Pasini, 2005).

**M** – Eu acho que duas coisas. Pela profissão, e pela questão de liberdade.

**R** – Questão sua?

**M** – É. Questão minha de liberdade. Eu mesmo, eu acho que mesmo que eu não tivesse nessa profissão e tivesse casada eu não sou mulher de dizer assim: marido eu posso cortar o cabelo? Marido eu posso vestir essa roupa? O marido dizer assim não você não vai sair com essa roupa, e eu querer sair. Quer dizer eu tenho que ser o que ele quer, não o que eu sou. O que eu gosto de ser. Se eu quiser cortar o cabelo eu vou ter que pedir permissão ao marido. Se eu quiser botar uma roupa acima do joelho, alguma coisa o marido olha assim “você não vai sair comigo nessa roupa”. Aí eu não gosto disso.

**R** – E aconteceu isso com você?

**M** – Já, vixe, várias vezes. Já aconteceu de eu botar uma saia aqui em cima do joelho com minhas pernas bonitas, grossas, os coxão que eu tinha, botar uma saia aqui no joelho o marido dizer assim “porra cê vai sair com essa roupa, essa roupa eu tô vendo seu útero”. Isso me mata.

**R** – E aí isso incomodava? Quer dizer me parece que os relacionamentos então pra você sempre acabavam num empasse: do seu lado você não queria perder a liberdade.

**M** – É.

**R** – ...e do lado dos seus companheiros eles tinham ciúme.

**M** – É eu queria encontrar um homem perfeito. Assim...

**R** – Como seria esse homem perfeito?

**M** – ...pra mim. Um homem perfeito que... não, não... que me amasse realmente, que eu amasse ele que a gente vivesse numa boa sem, com confiança. Sem essas questões de besteiras, de... olha, eu vou pra um churrasco ali na casa de minha amiga, “tá, tudo bem, quer que eu vá junto?” Não eu vou só mesmo. E não ter essa questão de ciúme ah quem era que vai estar nesse churrasco. Ou “ah cê vai com essa roupa, você está muito bonita”. Ou então quando chegar em casa, as vezes... meu marido mesmo chegou em casa ontem, eu tava com uma roupa, botei uma roupa preta que eu gosto muito de preto, aí tava, meio arrumadinha assim né? E disse “você saiu?” eu falei não, por que? “você vai sair?” eu falei não, por que? “Tá toda arrumada” eu digo poxa eu não posso me arrumar pra você não é? Eu tenho que ficar toda descabelada, toda mocoronga, me desajeitar toda é? Pra sair pra rua não tem que ir bem arrumada, né?

Apesar do peso que a sua atividade profissional coloca em sua vida pessoal em termos de ciúme, ela também se vê dona de uma liberdade e não abre mão dela por relacionamento, não faz concessões normalmente atribuídas ao papel tradicional da mulher. O que está presente no seu discurso quando fala de seu desejo expresso, e na sua recusa, ou asco, por aquilo que não tem desejo, demonstrando uma certa liberdade com relação ao seu corpo, conforme apontaram Araújo (2006) e Pasini (2005).

**M** – Acontece também de, já aconteceu várias vezes de eu... eu detes... to ficando velha, mas eu detesto velho. Eu sai com velho só porque é o jeito mesmo assim, por questão de dinheiro, mas eu detesto velho. Mas tem uns velho que é gostoso. Quando mete assim, eu não quero gozar que não tem jeito, aí quando eu dou aquela gozada, aí quando eu acabo de gozar ixiii. Me da um arrependimento, me da um nojo, uma agonia, é horrível.

**R** – Por que?

**M** – Não sei. Porque eu acho que, pra mim, pra eu gozar tem que ser aquele cara gos... assim, fisicamente também gostoso. Não só o pau. Tem homem que só de bom é o pau, o resto não presta. Tem que ser o homem completo.

**R** – Peraí, me confundiu um pouquinho agora. Você sente culpada aí por ter gozado porque o cara é feio?

**M** – E velho também. Não gosto de velho.

**R** – Não porque era um... se você gozar com um rapaz novo.

**M** – Eu acho que eu fiquei com esse trauma porque com quinze anos eu comecei a me prostituir como eu te falei, nessa casa e o que mais me procura... meu primeiro cliente foi um velho de 70 anos, que tirou a ro... Eu nunca tinha visto, eu tinha meu avô, tinha essas pessoas velhas que a gente era acostumado a respeitar as pessoas idosas tal, essas coisas. Eu fiquei traumatizada com um velho de 70 anos que tirou a roupa na minha frente...

**R** – você tinha quinze?

**M** – ...pra foder comigo. Aí eu.... Nossa! [pausa] Aí por isso que eu não gosto de velho.

**R** – Mas se você fizer programa com um rapaz novinho, bonito, que você ache bonito que você se sente atraída você goza.

**M** - Não e tem isso, se ele for lindo, bonito, maravilhoso e também não for gostoso é a pior coisa que existe, também.

**R** – Como é que é lindo, bonito e não é gostoso?

**M** – Não eu já saí com homem lindo maravilhoso, homem desse tamanho lindo oh meu deus que chegou no quarto, com um pinto que parecia menor do que meu pinguelo [risos]. E ainda “olha como eu sou lindo” se achando, sabe? Como se o corpo dele fosse tudo. O importante tá aqui [aponta para a própria cabeça] é um conjunto de tudo. E também... o pênis, eu sou louca por pênis grande.

### **5.1.7 Prostituição como liberdade do corpo: satisfação no trabalho e na vida pessoal**

Mariana tem o seu desejo por pênis de um certo tamanho, e isso influencia sua vida pessoal e seu desempenho. Assim como seu asco aos homens mais velhos, devido à sua experiência quando jovem também, a ponto de ter nojo de gozar com velhos e se sentir mal quando acontece. Tem também um ideal de homem, de desejo, que inclui o pênis, o ser gostoso, sem ser narcisista e o saber fazer (ter a cabeça correta, como diz ela). Como toda ocupação, há uma idealização quanto às possibilidades de satisfação com esta ocupação.

Como apontado por Bernstein (2008), as prostitutas vendem fantasias, vendem alguma coisa, uma determinada situação ou atividade que é esperada pelos clientes e irá satisfazê-los:

**M** - Me pega aqui e diz “eu vou pagar, você cobra quanto pra passar o dia comigo?” Eu digo eu cobro 300 reais. Sem transa, só pra passar o dia com você. A gente vai na praia, onde você quiser. E ele “tá bom, a gente vai na praia e depois vou levar você na minha casa, tá bom?” eu digo tá bom. “Mas não diga, você não vai dizer que é prostituta.”

**R** - É uma espécie de uma fantasia deles [dos clientes]? Brincar de namorado.

**M** - É. Então isso já é um preconceito assim. Então eu, aí eu vou ser atriz, né? Aí não sou eu mais ali. Eles dizem “invente, invente qualquer profissão, invente qualquer coisa”. Eu digo tá bom. Já me pagaram pra eu sair, muito bem paga pra eu sair, pra cantar mulher de outro. Por exemplo, você têm sua mulher, você desconfia da sua mulher e me pagou pra eu cantar sua mulher pra sair [risos].

**R** - Táí uma coisa que eu nunca ia imaginar. Já te pagaram pra fazer isso?

**M** - Já.

**R** - E você fez?

**M** - Fiz. Agora me disseram assim “quando ela topa sair, não é pra sair não” eu digo tá bom.

**R** - Entendi, era só pra seduzir.

**M** - É. Pra ver se realmente, pra tirar a dúvida dele se realmente a pessoa era o que ele tá pensando. Se tava traindo com outra mulher, alguma coisa assim. Se a mulher gosta de mulher.

Mas isso não implica apenas que o papel de atriz ou fingidora, representação geral tida pelas prostitutas (Moraes, 1995). Quando perguntada diretamente, Mariana fala sobre essa divisão sexo no trabalho e sexo na vida pessoal.

**R** - Você... antes disso deixa eu perguntar uma outra coisa. Você consegue separar bem o seu sexo no trabalho e o seu sexo em casa?

**M** – Sim claro. Claro, meu sexo no trabalho é uma coisa mecânica. Mentirosa assim. É realista mas é uma coisa... eu vou dar prazer, eu dou prazer, eu to dando o que ele quer, ele vai me dar o que eu quero. Ele vai me dar o que eu quero é o que, o dinheiro e ele, e em troca, é uma troca, eu vou dar pra ele o que ele quer. Ele quer o que, um sexo anal, oral, vaginal, uma dança, alguma massagem, o que é que ele quer, ouvir mentiras. Uma atriz né? Porque a gente é uma atriz. A gente mente, eu digo que ele é lindo, que é maravilhoso, que é gostoso, que ele tem uma pica linda maravilhosa, que ele tem uma bunda bonita, e ele fica todo feliz da vida. Coisa que ele não recebe em casa às vezes, normalmente.

**R** – Quer dizer você atua mesmo? Você finge?

**M** – É. Isso mesmo.

Porém, assim como já vimos com o seu desejo, também o orgasmo faz parte e está presente na vida de Mariana.

**R** – Em todos os seus...

**M** – Alguns casos, de quando bate assim um, um... em relação à sexo mesmo, que bate, o cara é gostoso, dou minha gozadona, não dou nem gozadinha, dou minha gozadona, fico feliz da vida e ainda ganho meu dinheiro.

**R** – Se você sair com um rapaz novo bonito... desses que você acha atraente, fizer um programa com ele, e você gozar com ele aí você não tem culpa nenhuma?

**M** – Não.

**R** - Fica até feliz?

**M** – Nossa ainda sai com dinheiro.

**R** – Você ganhou um dinheiro e aí...

**M** – Oh, maravilha.

**R** – Acontece bastante ou acontece pouco? De você ter algum prazer assim, ou gozar?

**M** – Bastante.

Ela não sente culpa ou que está fazendo algo errado, não separa que “lugar de gozar é em casa, lugar de fingir é na zona” (Moraes, 1995). Não tem problema nenhum com o fato e o coloca mais como “um expediente que não reduz o grau de profissionalismo” (Moraes, 1995). Por outro lado, esse expediente não é uma “necessidade fisiológica” (Moraes, 1995) e sim o seu desejo. Se pode transar, ganhar o seu programa e ainda gozar, por que não?

### **5.1.8 A liberdade do corpo pode se tornar violência contra a mulher**

Entretanto, Mariana já foi abusada na profissão, é um assunto difícil e não gosta de comentar muito, que é o outro lado da questão, ou seja, a liberdade do corpo, pode gerar uma liberdade sem autorização do corpo da prostituta por outra pessoa, constituindo uma violência e a ambiguidade da experiência prostituição já tratada anteriormente.

**M** – Já fui abusada.

**R** – Mas quando estava trabalhando em casa de família não? Foi abusada na profissão?

**M** – Sim. Em casa de família.

**R** – E como que foi?

**M** – Eu já fui abusada em casa de família, eu já fui abusada é... em vários lugares. Eu já fui estuprada, quando eu tinha vinte anos.

**R** – Contra a sua vontade?

**M** – Sim.

**R** – Eu digo esse abuso aí também foi contra a sua vontade.

**M** – Claro, foi um estupro.

Vale notar que não foi abusada apenas na profissão, foi também quando trabalhava em casa de família, configurando não só um aspecto da profissão, mas também de gênero e poder no Brasil. Ela foi estuprada pelo patrão. É sabido a violência cometida por policiais e clientes contra as prostitutas (Russo, 2007) e esse é um dos problemas da profissão e uma das bandeiras de luta das organizações, inclusive da APROSBA.

### **5.1.9 Competências para ser prostituta**

Apesar de que uma vertente do pensamento sobre a prostituição considere as prostitutas como pessoas despreparadas e sem formação e conhecimento, a atividade ocupacional exige estratégias de atuação e desenvolvimento de competências, entendidas como um conjunto de características individuais construídas em relação e passíveis de serem mobilizadas a cada nova situação de trabalho, obtendo êxito neste processo, numa espécie de inteligência prática ou saber-fazer (Ribeiro, 2009b).

O programa depende de diversas estratégias de negociação e se sustentar nessa profissão é tão difícil como em qualquer outra de autônomos<sup>13</sup>:

**M** – É porque depende. Hoje em dia... eu falo assim... muita gente ganha dinheiro... fácil. E não é fácil. Tem gente que fala assim “quanto é o programa” e eu falo é xis “poxa é caro, é fácil, é rápido” Eu digo fácil? E depois “ah mas eu dei um duro danado, suei tanto pra ganhar tanto pra te dar” eu digo ah, eu também vou suar muito e vou dar um duro danado. Por exemplo... eu trabalho no duro também. Se não tiver duro também o cliente sai reclamando, dizendo que eu não presto, que o seu pau não subiu. Então tem que ser no duro. E suando ainda.

**R** – É difícil ter relações assim. Eu imagino que você faça programa quase todo dia, mais de uma vez por dia. É difícil ter relações assim, a todo momento, quando as pessoas querem? Quer dizer você não deve ter toda essa vontade, até porque tem muito que você faz o programa e não tem vontade, não tem desejo por ele, não tem tesão por ele, certo?

**M** – Certo.

**R** – É difícil você se entregar dessa maneira? Quer dizer... porque você acabou de dizer que não é uma profissão fácil. Vocês não são mulheres de vida fácil.

**M** – É rápido. Não, a gente não ganha dinheiro fácil. A gente ganha dinheiro mais rápido, é mais rápido. Mas também é... hoje em dia está muito competitivo, caiu bastante. Tem muitas meninas que fazem programa. Tem muitas que não fazem e dá de graça. Então a hoje em dia está mais complicado assim, por exemplo, às vezes você passa o dia todo e só faz um programa. Ou dois. Ou nenhum. Ta complicado. E quando você vai chegando à idade também...

**R** – Então não é difícil fazer programa. O difícil é se sustentar na profissão?

**M** – Isso.

**R** - Ou os dois são difíceis?

**M** – Os dois tá... hoje em dia tá difícil. Já foi mais fácil, eu já comprei casa, apartamento carro.

**R** – Se sustentar na profissão.

**M** – É. Hoje em dia já está mais difícil, eu me sustento...

A vida não é fácil e ela tem que batalhar cada dia por seu sustento. Chama a atenção que ela não diz ser uma vida fácil, porém o dinheiro é mais rápido do que de outras maneiras, talvez isso também influencie ela não mudar de profissão mesmo tendo outras atividades que poderia realizar. Não é a atividade em si, o programa, que incomoda Mariana na profissão e sim a dificuldade em se sustentar, em conseguir a adequada remuneração para comprar aquilo

---

<sup>13</sup> Está é uma forma de entender a atividade da prostituição: uma prestação de serviços a clientes demandantes de sexo, semelhante a qualquer outra atividade autônoma, guardadas as devidas especificidades de serviço a ser oferecido (Langer, 2004).



que necessita, como acontece na maior parte das atividades de trabalho no Brasil (Pochmann, 2009).

A idade é um fator que pesa muito nessa atividade, e influencia os ganhos e a quantidade de clientes.

**R** – Por uma questão econômica, quer dizer tem poucos clientes, é difícil você arrumar trabalho?

**M** – É. E eu acho que também, eu acho que já é pela minha idade. Eu já tenho 37 anos. Tem outras meninas mais jovens e tal mas... pra mim isso não é um probleeema assim. Porque até quando eu não estou fazendo programa, ou eu fazendo programa, vice-versa, os dois, eu na rua ou na minha casa, ou na casa dos amigos, ou na boate. Sempre, na rua, sempre eu es... direto eu escuto... que...

**R** – Escuta o que?

**M** – [risos] As coroa é melhor do que as novinhas. [risos] Mais experiência. Porque as vezes... eu já tive... ainda tenho garoto de vinte anos que é louco por mim, e eu não quero. Eu só gosto de 30 até 40 só.

Porém, como vemos no caso de Mariana outros fatores como sua experiência, ou o desejo específico dos clientes por uma “mais experiente” é o seu nicho de trabalho, e o diferencial para ganhar seu dinheiro, competência desenvolvida com o tempo de serviço.

Moraes (1995) em pesquisa com 38 mulheres prostitutas trabalhadoras da Vila Mimosa no Rio de Janeiro concluiu de sua amostra que apenas 15,78% delas têm mais de 36 anos. Então é uma atividade que a idade é um fator limitante. Mariana fala que conforme o tempo passa fica mais difícil arrumar clientes. No caso de uma regulamentação da profissão, esses fatores devem ser levados em conta, no cálculo de aposentadorias, por exemplo.

Importante salientar que junto à prostituição, outras atividades profissionais que utilizam o corpo como instrumento básico de trabalho (esportistas, pedreiros, lixeiros, etc.), também enfrentam o avanço da idade como fator limitante para o exercício profissional.

Como já foi comentado, Mariana usa camisinha em sua atividade profissional, mas não sempre em sua vida amorosa privada, e isso leva a uma consequência: filhos.

**R** – Não sabia muito sobre sexo, era virgem, então basicamente.

**M** – Não usava camisinha. Naquele tempo não tinha essa coisa de, há 23 anos, se tinha mas não era muito divulgado. Nem questão de proteção à menor essas coisas...

**R** – Então a sua relação, a sua iniciação sexual e toda sua vida sexual se deu basicamente na vida, na prostituição?

**M** – É, exatamente. Eu tenho três filhos, cada um é um pai.

**R** - O, a sua primeira filha, por exemplo, foi desse caminhoneiro..

**M** – Foi do caminhoneiro, ela não conhece. Nem... ela já tentou querer que eu desse informação mas eu digo minha filha eu não tenho como. Eu não escondo dos meus filhos, meus filhos sempre souberam da minha história toda. Não tem como. É impossível. Nem o nome dele direito eu sei, eu só sei que era Anísio, mas sobrenome, onde morava eu não sei. Como é que você vai descobrir quem é seu pai? Esqueça isso. Esqueça porque ele queria até que eu tomasse remédio para você nem existir. Eu fui mãe e pai pra você, criei você, você está aí hoje criada, educada.

**R** – Bom, você saiu de casa né? Teve essa relação com esse caminhoneiro aí, e depois você já foi trabalhar, estou errado?

**M** – Não. Fui pra boate.

**R** – E quando é que foi a sua próxima relação, sem ser com um cliente? Você lembra quando foi?

**M** – Há uns 18 anos, Há uns 18 anos.

**R** – Atrás?

**M** – Não, quando eu tinha 18 anos.

**R** – Três anos depois, dois anos depois de sua filha nascer?

**M** – Foi. Aí eu me relacionei de novo e fiquei grávida do meu filho.

Devido à falta de informação, acabou engravidando de duas crianças logo no início de sua vida sexual. Isso vai ecoar por toda sua vida, pois não negou os filhos nem o que precisavam em termos de bens materiais ou maternagem, muito pelo contrário. Assim é uma questão importante o começo das mulheres nessa atividade, e o que pode ocasionar sua falta de experiência. Também o constante uso de preservativo e proteção, não só com clientes mas com eventuais parceiros ou parceiros fixos. Nem toda atividade profissional têm como consequência (direta ou indireta)<sup>14</sup> a gravidez não planejada, por isso é um ponto que precisa ser melhor explorado e pesquisado, bem como fornecer subsídios para as mulheres mais novas e experientes que entram nesse ramo de atividade, como apontam vários artigos sobre a temática das DST em relação à prostituição.

**R** – E você está namorando? Tem marido ou namorado?

**M** – Tenho. Tenho. Eu estou com uma pessoa tem sete anos já.

**R** – Sete anos já?

**M** – É. Inclusive eu não planejava mais ter filhos e eu tava com um problema de mioma. E aí eu estava fazendo ultrassom pra fazer tratamento para tirar o mioma e aí eu ouvi as meninas lá falando “Ah quem tem mioma não engravida, porque eu estou aqui fazendo tratamento pra tirar o mioma, sou louca pra engravidar e nunca tive filhos ta ta ta...”. Aí com esse meu companheiro eu só transo de camisinha. Com qualquer pessoa eu só transo de camisinha. E aí teve um dia que a camisinha rompeu aí eu peguei e tomei o contraceptivo de emergência no outro dia. Claro que não vai evitar doença sexualmente, mas pelo menos gravidez evita. Aí eu tomei. Ai tá, passou mais uns 3 meses a camisinha estourou de novo, aí eu tal o remédio de novo. [risos] Aí depois, na terceira vez eu digo eu não vou tomar não, porque quem tem mioma não engravida. O contraceptivo de emergência é um baita de um coquetel, então estraga muito né?

**R** – Dá náuseas, né?

---

<sup>14</sup> Moraes (1995) já mencionou que os clientes tendem a pedir sexo sem proteção oferecendo mais dinheiro para isso, e as prostitutas acabam cedendo muitas vezes pela questão econômica. Entra em jogo também a questão do sexo por trabalho (com proteção), e o sexo com o parceiro sem proteção por pressão do mesmo, por se tratar do marido, aquele que merece algo de diferente em relação ao simples cliente.

**M** – É, um monte de coisas, é. Daí eu digo poxa se for doença não vai evitar e filho eu não vou pegar então não vou tomar contraceptivo não. E não tomei não. Aí tá, tudo bem, fiquei menstruando normalmente. Normalmente não, ao contrário de quinze em quinze dias eu estava menstruada. Com quatro meses aí fui no médico pra fazer ultrassom também como era que tava o mioma e reclamar que eu estava com sangramento e a médica disse “Não, esse sangramento com mioma é normal, fica sangrando mesmo assim, até ver como é que ta eu retirar o mioma”. Aí quando ela tava, veio fazer o ultrassom ela disse “Você ta é grávida”. Eu disse grávida? Ela disse “É! Aqui pelas contas aqui” nanana fez as contas mediu “Quatro meses.” E eu bebendo, fumando, menstruando, não senti enjoô nada, nem mexer eu sentia, não senti nada, nada, nada, nada. Aí foi uma surp... foi uma bomba pra mim. Depois do meu filho, 17 anos, um bebezinho agora, meu deus do céu.

Assim como muitas outras prostitutas em nossa época atual, a camisinha é um fator importante de proteção na atividade profissional, porém, a prática não é tão recorrente quando a relação é com companheiros mais estáveis. Esse relaxamento e achar que com mioma não engravidava acabou levando Mariana a mais uma gravidez. Gravidez essa que logo após a descoberta vêm junto a preocupação direta com o feto. O fato de estar bebendo e fumando chama sua atenção quanto a saúde de seu futuro bebê. Apesar deste fato, Mariana não abre mão da camisinha e não vê sua prática profissional, e sua segurança, sem ela. A APROSBA tem inclusive a função de distribuir camisinhas e informações sobre prevenção de DSTs para as prostitutas de Salvador.

## 5.2 Entrevista com Graziela

Só para recordar: Graziela tem 32 anos, é branca, sem filhos, natural do interior de Pernambuco e começou na prostituição em Recife, segundo ela, embora seu primeiro programa pago tenha sido no centro de Salvador.

### 5.2.1 O início na prostituição

**R** – Então tá bom, começa me contando então é, Graziela, quanto tempo você está trabalhando.

**Graziela**<sup>15</sup> – Eu comecei em Recife, comecei com 21. Assim que eu perdi a virgindade. Minhas amigas também já faziam aí começou a me incentivar, lá. Aí eu gostei, comecei, endoidei mesmo da cabeça. Mas minha tia não sabia não. Quer dizer até hoje nenhuma das minha família sabe que eu faço isso. Aí de lá eu tive a oportunidade de vir trabalhar aqui minha colega, mas ela não sabia que eu fazia, pra Silvio Santos eu trabalhava pra Silvio Santos. Eu disse a ela que era pra passar três meses, e depois era pra mim ir embora. Mas como, eu comecei nessa praça da Sé, comecei com um velhinho. Eu sentei lá no banco aí ele perguntou “quanto é seu programa?” Eu disse que programa? Não sabia o que era, a palavra programa. Porque lá em Recife é vamo namorar. Aí ele disse “vamo fazer programa?” E Eu disse o que é isso? Aí ele falou “não, a gente vai lá no quarto, você diz quanto é o seu preço e a gente vai.” O primeiro programa que eu fiz foi dez reais.

**R** – Quando você tinha 21 anos?

**G** – Não eu já cheguei aqui com 25.

**R** – Ah tá.

**G** – Lá foi com 21. Quando eu cheguei aqui já tinha 25. Aí, dos 25 até hoje só na praça da Sé. Comecei, gostei. Porque assim é, é um movimento que você tem dinheiro toda hora, todo instante. Porque tem menina que chega de nove da manhã, sai de oito da noite. Já sai com a bolsa cheia de dinheiro. Por isso que elas não querem sair, porque é a vida fácil. E o dinheiro é rapidinho que entra na bolsa. E pra mim, até hoje, eu tô gostando de ficar nessa vida. Não quero sair.

**R** – E como é que foi quando você perdeu, você perdeu a virgindade com alguém?

---

<sup>15</sup> Doravante Graziela será nomeada de G.

**G** – Perdi com um cara que eu nem conhecia, e nem gostava dele, foi professor de capoeira. Porque a gente lá, lá a gente tinha uma casa abandonada. Que toda quinta-feira a gente se encontrava, todo mundo, só o povo jovem se encontrava. Cada um tinha uma função. A minha era teatro e dançar. Sempre a gente levava bebidas. E eu não bebia. Aí eu levei um Martini do branco, sem gelo e sem nada, só bebendo, bebendo, bebendo. Mas eu conversei com uma colega minha, eu trabalhava em casa de família, aí conversei com minha colega. Eu disse assim: se eu perder minha virgindade eu vou me transformar em que? Aí ela começou a dar risada. Eu disse não mas eu tenho medo de, porque eu não sei como é que é, o homem vai fazer o que comigo. Chegando lá no quarto eu faço o que? Ela disse “não, você chega lá no quarto, tira a roupa e relaxa” Eu digo e depois? “Depois deixa o homem fazer as coisas.” Eu disse mas aí eu tenho medo, não sei o que ele vai fazer. Aí ela me deu muito conselho pra mim não perder minha virgindade com quem eu não conhecia. Que ainda tava muito cedo, que eu ainda ia encontrar um homem na vida, que eu ia encontrar a pessoa certa. Mas aí endoidei da cabeça, a turma lá, só via a turma namorando, beijando, se agarrando. Cada qual com seus namorados. Mas esse rapaz ele não insistiu, fui eu que insisti. Comecei a beber, beber, as luz todas apagadas, aí eu cheguei perto dele, posso citar o nome dele?

**R** – Pode, depois eu tiro da entrevista, não se preocupe.

**G** – Não, não tem problema não que acho que ele nem se lembra, acho que ele nem se lembra mais de mim. O nome dele é Jó. Só sei que é Jó, o professor de capoeira. Aí eu peguei no braço dele e disse Jó, to pronta. Aí ele entendeu né? Me levou lá pro fundo da casa, tudo fechado, botou os papelão no chão, coisa que, horrível. Botou os papelão no chão. Aí, tentou a primeira vez, eu não quis porque doía muito, e só vi ele jogou o papel higiênico. Passou uma semana, e a gente lá tentando, tentando, tentando. Até que depois de uma semana, eu já vi ele lá com outra menina. Aí eu fiquei assim pensando, pô esse cara fez isso comigo e não quer mais nada. Aí daí acho que eu criei um trauma de homem. Porque ele não ficou comigo. Porque tem mulher que só porque o cara fez a primeira vez a mulher só quer aquele homem né? E eu não. Minha col... minha tia também. Eu via minha tia pegando um aqui, outro aqui outro acolá. Aí eu comecei feito ela. Comecei a entender as coisas, como é que era. Minhas colegas também. Porque assim eu já, assim que eu... porque minha tinha me prendeu muito. Quando eu sai da casa da minha mãe, com quatorze anos. Minha tia me prendeu muito, na casa dela. E ela sempre andava comigo, mas sempre me levava pros cabarés. Mas eu não fazia. Mas eu saia com os homens e não fazia nada. Os homens só fazia me chupar, e eu chupava eles. Mas nessa época eu não entendia que, hoje em dia agora eu entendo, porque a APROSBA me indicou que a gente deve chupar com camisinha. E o homem não, vai lá avulso mesmo. Mas eu cobrava. Porque Carlinha sempre me dizia cobre tanto, cobre tanto.

**R** – A Carla não era sua tia, era.

**G** – Carla era uma prostituta. Que hoje ela é sapatona. Mas foi ela mais que me incentivou porque eu sempre andava muito com ela. Aí eu sempre via ela pegando aqui, outro ali, entrava nos carros, safá. E eu ia atrás. Aí, nessa casa. Depois disso, depois de uma semana que eu vi ele lá com outra mulher aí eu comecei a pegar um outro aqui, um outro acolá, só pra fazer ciúme à ele. Aí Carlinha disse “Graziela tú tá saindo com muito homem, tu tá cobrando alguma coisa?” Eu disse, por enquanto não. Eu saio assim somente pra fazer ciúme à Jó. Ela disse “não, comece a cobrar, porque você já tá numa vida de programa.” Mas eu vim cobrar mesmo aqui em Salvador.

**R** – Você ficou lá dos 21 aos 25 anos.

**G** – Foi, dos 21 até os 25 anos.

**R** – Mas você saía com os homens e não cobrava?

**G** – Não. Porque não entendia. Eu era muito boba, muito abestalhada. Minha tia me prendeu muito, nunca me soltava pra namorar. Aí pronto, do tempo dos 21 até os 25 não. Saía, só pra fazer ciúme à ele, aí Carlinha disse “não Graziela isso aí é...”

**R** – Você ficou dos 21 até os 25 tentando fazer ciúme pra ele ou não?

**G** – Foi. Porque a gente sempre se encontrava nessa casa.

**R** – Entendi.

**G** – E eu sempre via ele com outras meninas. E eu queria fazer a mesma coisa. Pegar outros homens na frente dele. Aí Carlinha disse “não Graziela, você tem que cobrar porque você já tá na vida de quem tá fazendo programa.” Aí foi quando eu comecei a entender. Aí quando eu cheguei aqui, que eu sentei na Praça da Sé com os carnês do Baú, aí os homens começou a me chamar. Eu não intimava os homens, os homens que começou a me intimar, me chamar. Aí de lá pra cá eu comecei a cobrar.

**R** – Dos 25 anos até?

**G** – Até hoje.

Graziela acaba tendo relações com um homem pelo qual sente desejo. Porém sem um compromisso firmado ou com o reconhecimento do meio social que vive, acaba sendo colocada nesse papel de prostituta, simplesmente por ter perdido a virgindade. Isso por orientação e conselho de uma prostituta mais velha, sua amiga, que lhe instrui que, já que estava fazendo exatamente o que uma prostituta fazia, começasse a cobrar. A idade e a inexperiência, aliadas ao papel social que foi atribuído a ela pesam no começo de sua vida para a sua iniciação na atividade de prostituta.

**R** – Você disse que você tentou, ter relações lá com o Jó e aí não conseguiu foi, depois saía com os outros homens pra fazer ciúme com ele, mas você não transava com eles, só fazia sexo oral.

**G** – Não. Sexo normal.

**R** – Sexo normal?

**G** – Foi. Porque eu passei uma semana tirando a virgindade. Porque depois parece que a porra encrua lá né? Fica duro. Uma semana todinha. Porque doía, eu mandava tirar, doía, eu mandava tirar, ficava naquela frescura. Aí depois de uma semana, que foi no sábado. Não, eu sempre chegava lá na quinta. Eu fiquei quinta até a outra quinta tentando, ainda fiquei sexta, sábado. Sábado mesmo já me desembestei com os outros homens. Já comecei a sair.

**R** – Transava com eles.

**G** – Transava com eles.

**R** – Saía, transava com eles mas não cobrava?

**G** – Não cobrava não.

**R** – Só veio cobrar aqui em Salvador?

**G** – Foi. Só vim cobrar aqui em Salvador. Por causa de um SENHOR, que me disse assim “quanto é seu programa?” Eu fiquei assim voando, que programa? Aí ele foi e me explicou “não, a gente vai pro quarto e você me diz quanto é o seu preço, a gente vai e transa.” Aí eu disse olha, eu nunca cobreí não viu, mas quanto é que tu pode me dar mesmo aí? Aí ele disse “te dou dez reais” eu disse ouxe, vamo! E eu fui [risos].

Quando chega a salvador, e diante de uma necessidade econômica, é sugerida a ela um programa, ao qual prontamente aceita por, de certa maneira, já estar preparada para isso, aceitado e assumido esse papel. Não vê a proposta como imoral ou indecente, mas simplesmente como uma possibilidade de ganhar dinheiro, e assim continua em Salvador ate hoje, corroborando a hipótese da questão financeira e da falta de opção por outro trabalho como motivos para o início na prostituição, apesar de que a prostituição aparece como



oportunidade na vida de Graziela que acolhe este projeto, sem muitos dilemas ou dúvidas, o que pode indicar uma escolha (Moraes, 1995; Vanwesenbeeck, 2001).

### **5.2.2 A prostituição como forma de evitar o sofrimento por homens: estratégia de poder de gênero**

Uma categoria fundamental para entendermos Graziela e a relação entre seu trabalho e sua vida pessoal é o sofrimento por homens. Diversos trechos de seu depoimento evidenciam isso:

**G** - Já to entendida, não sofro mais por homem nenhum. Pra me apaixonar por homem assim é muito difícil.

**R** – Mas já sofreu.

**G** – Já sofri.

**R** – Além do Jó.

**G** – Além do Jó sofri por dois. De Recife sofri por dois. Mas aqui até, quando meu deus, até mês passado eu sofri por um. Mas eu descobri que ele é prostituto também. Mas ele não cobra as gringa, ele cobra assim, ter vida boa, ter, morar em hotel, ter luxo. O negócio dele é só dar prazer pras gringas. Aí eu entendi, que eu digo o negócio dele. Eu já cobre uma vez ele disse que não pagava não. Aí no outro dia de manha ele foi-se embora não deu nada, então tchau. Mas foi difícil, esquecer esse homem. Chorei uns dias, mas hoje eu não sofro por homem nenhum. Eu não sei nem por que foi que eu me apeguei a esse homem. Eu, assim, eu aprendi com minha tia a não sofrer por homem nenhum. Eu acho que ela me prendeu muito pra me ver esse lado de homem, né? Que minha irmã casou quatro vezes. E minha irmã sofreu muito. Aí ela vinha sempre mostrando como que era a realidade de gostar de homem. Aí eu digo, aí eu disse assim, eu disse pra ela né? Pra minha tia, porque minha tia já pegou um namorado meu dentro do banheiro eu vi. Aí desde esse dia pronto.

**R** – Sua tia tava com seu namorado?

**G** – Tava com meu namorado dentro do banheiro.

**R** – Aqui ou lá em Recife?

**G** – Lá em Recife. Aí eu não gostei não [risos].

**R** – Imagino.

**G** – Chorei muito. Mas hoje em dia eu não sofro por homem nenhum.

Ela faz questão de salientar várias vezes em seu discurso não mais sofrer por homens, como se já tivesse superado isso. Manifesta inclusive pena por mulheres que ainda estão sujeitas a esse tipo de sofrimento:

**R** – E você só teve namorado, você nunca foi casada?

**G** – Não, nunca fui casada não. Eu tenho até pena dessas mulheres de bairro. Porque tem mulheres de bairro, pode ser até mulheres que não sejam de bairro, mas mulheres que não entendam a nossa vida, sofrem muito por homem. Se apegam só àquele homem e ficam chorando e sofre atrás do homem. Eu sempre digo pra minha vizinha, eu disse olha é porque você não tá no ramo que a gente trabalha, porque o ramo que a gente trabalha toda hora ta sujeito a gente pegar homem diferente. E você não. Você só se apegou à esse. Ela tava até andando comigo, mas aí ele impediu dela andar comigo, porque ele disse que eu ia colocar homem pra ela.

**R** – Ele quem?

**G** – O meu vizinho.

**R** – Marido dela?

**G** – Marido dela.

**R** – Companheiro dela?

**G** – Companheiro dela. Aí ele foi, afastou ela de mim. E tá lá sofrendo, ela sofre até hoje. Porque só gosta dele. Eu digo porque se você tivesse no mundo que eu tô, você não sofria por homem nenhum, viva sua vida, curta.

Muito disso se deve à sua atividade como prostituta, contatos com homens casados e com as mentiras que contam para conseguir sair com ela a marcaram e formaram sua opinião e sentimentos. A atividade de prostituição parecer ter lhe oferecido uma arma contra armadilhas que os homens colocam as mulheres nas relações afetivas estabelecidas e a instalado a parte deste mundo de problemas, sendo mais indício da liberdade do corpo e da escolha pela prostituição (Pasini, 2005; Ribeiro & Sá, 2004; Rodrigues, 2004).

**R** – Porque que você não sofre por homem nenhum?

**G** – Porque eu aprendi, sofri demais. Tive muita decepção.

**R** – Mas você podia aprender a não sofrer, sem estar nessa vida. Eu tô perguntando qual que é a relação.

**G** – A relação é de você gostar do homem e ao mesmo tempo você ver ele com outra. Por isso que eu sofro. Se eu tô querendo entrar fundo naquela paixão, eu tô gostando daquele homem. Daqui a pouco, mesmo que não me digam, mas eu vejo ele com outra mulher. Eu posso ver assim numa festa, chegar numa festa de repente, ele não me vê eu tô lá vendo ele com outra. Aí não dá pra mim não. Que homem não vive só com uma mulher só. Até os homens casado. Larga a mulher em casa e vêm pegar nós. Não pode ver um rabo de saia. Homem é bicho animal. Quem pensa que homem só gosta de uma mulher só está enganado. Eu penso assim, né? Porque...

**R** – Estamos aqui pra ouvir o que você pensa.

**G** - ...tem muitos deles que falam isso pra mim. Que não consegue ficar só, com uma mulher só. Ai eu disse assim, eu já disse pra muitos clientes, até ontem pra um, venha cá Paulo você é casado tem sua mulher em casa e ainda vê procurar a gente na rua? E ele disse: “não é porque uma é diferente da outra”. Eu disse que? “Não porque às vezes a mulher de casa tá doente, tá cansada, passou o dia todo trabalhando. E vocês não, vocês tão aqui direto.” Todo o tempo que a gente chega vocês estão aqui disponíveis. Eu digo oh meu filho, entrando dinheiro na minha bolsa ouxe. Pra mim não tem cansaço certo. É por isso que eles trocam as mulher, essas mulher honesta de casa de, qualquer mulher honesta eles trocam pela gente.

**R** – Porque, você não é mulher honesta?

**G** – Eu sempre digo, eu não sou honesta, eu não sou fiel. Eu sempre digo quando o cara diz assim “você tem namorado?” Eu digo não. “Quer namorar comigo?” Eu disse olha posso até namorar, mas eu não sou fiel não. Ele fez “porque?” Eu digo porque a minha vida é, eu faço programa e a minha vida é ativa. Eu não tenho

parceiro certo não. Eu posso até gostar de você, mas se chegar um rapaz e me oferecer um dinheiro eu saio.

A prostituição serve até como consolo, tem uma decepção e acaba se entregando ao trabalho para superá-la, mas também serve como arma para utilizar as mesmas estratégias utilizadas pelos que fazem as mulheres sofrer, ou seja, não sendo fiel. Nesse sentido, podemos hipotetizar, aqui, a prostituição como uma forma de combate a dominação masculina de gênero.

**R** – Você consegue esquecer um outro homem, com o homem que você tá interessada, com outro?

**G** – Consigo.

**R** – Esse é seu jeito de esquecer um, é com outro?

**G** – É com outro.

**R** – Fazendo programa ou não?

**G** – Fazendo programa e pagando. Aí quando eu vejo que o homem faz um programa bom, que é legal na cama aí eu já esqueci o outro já.

Quando confrontada diretamente, se apoia na experiência para justificar sua posição radical de não sofrer, mas seu próprio discurso é contraditório, evidenciando mais uma pessoa frágil e que facilmente se envolve, e facilmente se machuca do que uma mulher segura e inacessível ao sofrimento, embora utilize seu trabalho como forma de evitar e lidar com o sofrimento, como diria Dejours (1999).

**R** – Me parece que você não consegue separar muito bem a sua vida amorosa da sua vida como garota de programa. Ou eu estou errado?

**G** – Não eu separo porque a minha vida amorosa eu não consigo mais gostar de ninguém, de me apaixonar assim. Eu posso até gostar, mas de me apaixonar mesmo loucamente assim que seja só esse homem que eu quero não consigo não. Não consigo mais não. Desde esse dia em Recife pra cá eu não consigo mais não. Posso até gostar de um cliente aí mas pra dizer vou ficar com esse, tô apaixonada, pra mim não dá mais não. Meu coração acho que não entra mais ninguém não. Eu tenho um na Suíça. Ele manda mensagem pra mim direto. Diz que agora tá até procurando apartamento pra, pra gente morar junto. Mas eu não gosto dele. Nina até perguntou “Graziela você gosta dele?” Eu disse não. Não sinto nada por ele. Mas só porque ele tem uma boa vida Nina disse “é Graziela é, aí já é um começo, né? Mas começa a gostar quando a gente começa a conviver. Com o tempo você vai convivendo, vai gostando, vai ter ciúme, vocês dois ali no dia a dia” Eu disse é Nina, mas por enquanto eu não gosto dele não. Ela disse “vai vivendo.” Eu disse tá bom.

Até que consegue evidenciar para si mesma, na entrevista, o caráter ambíguo de seus sentimentos, como é também ambigua a escolha pela prostituição, pois ela protege Graziela do sofrimento, lhe dá prazer, mas lhe afasta da felicidade com um outro homem, sem ser um cliente.

**G** – Não, meu coração tá aberto. E ao mesmo tempo tá fechado.

**R** – E como é que é isso?

**G** – [risos] Porque eu não sei o dia de amanhã, né? De repente eu posso me apaixonar por um homem e sofrer. Minha vizinha. Minha vizinha ela é casada. Só que ela apanha demais do marido. Aí ela tá separada agora, o marido foi-se embora. Mas ela tá lá sofrendo. Eu disse venha cá, seu marido bate em você, deixa você passar fome, você é uma menina bonita, jovem, e em vez de arrumar um trabalho, sair pras festas, curtir, conhecer alguém. Vamo pro pelourinho comigo, vamo pra salsa. Tem uma salsa que tem muito homem lá, tem muito gringo, tem muita gente de fora, você pode até gostar de um homem lá. Ela “é, não sei.” Eu disse ah mas se seu marido chegar agora e pedir pra você voltar, você volta? “É, eu volto porque eu gosto dele” E eu disse aí é que tá o problema.

Por que que eu não soffro? Porque eu não consigo gostar de ninguém. Por que você não sai pra se distrair, sua mente com outras pessoas lá fora? Você fica só aqui, esperando o cara. Aí vai e bota CD apaixonado, pra se lembrar dele. Eu disse não faça isso não, você tá se acabando, se destruindo por dentro. Você daqui a pouco você tá velha aí, sofrendo por homem “Não Graziela, mas eu gosto dele, sou apaixonada.” Então sofra aí que eu não vou sofrer não. Aí de noite eu me arrumo, e aí vamo sair comigo? Bora lá pras festas? “Não Graziela não vou não porque talvez ele chegue aí e não me encontre.” Eu disse melhor ainda mulher que ele não te encontra porque toda vez que ele chega aqui te encontrar aí é bom pra ele, porque ele sabe que qualquer hora que você tiver disponível, que ele tiver disponível pra vim lhe procurar você tá aí. Agora se você sair, curtir, toda vez que ele chegar você não tiver, aí ele vai passar a lhe dar valor, vai passar a lhe procurar. Porque é mulher de bairro, mulher de casa, mulher caseira. Eu não, eu gosto de ser puta mesmo, porque puta eu saio, ando, me distraio, não soffro por ninguém.

**R** – Você, é...

**G** – E me assumo que eu sou puta.

**R** – Você, é, se diz fechada, se diz mais experiente porque provavelmente você teve alguns relacionamentos e eles te aband... alguns companheiros que te decepcionaram.

**G** – Me decepcionaram. Eles que me decepcionaram.

**R** – Por que que eles te decepcionaram? De que maneira? Como é que foi isso?

**G** – Disso mesmo. De eles vim e eu ver ele com outra. De eu passar e ver ele com outra. Ele mentir pra mim “ah Graziela não vou hoje não que eu vou pra tal lugar.” Já fizeram isso comigo em Recife. Eu tava até gostando de Davi, depois de Binho. Ele disse “ah Graziela eu não vou hoje não.” Quando eu chego lá na festa com minha irmã tá lá cara lá, dançando com outra mulher. Aqui mesmo eu tava aqui dentro nesse bar aí. O cara ligando pra esposa “olha minha filha eu não vou agora não porque eu to aqui na festa do jogo, aqui no futebol.” Eu digo ó pai Nina quem é que ta no futebol aí. Cabou o jogo agora ó. Aí ele veio pro lado de cá, aí eu disse assim Nina eu vou fazer sacanagem com ele. Eu vou lá pra ver qual a intenção dele .Aí cheguei ali, fiquei na minha dançando, com a cervejinha do lado, olhei pra ele, aí eu fiz assim sinal, ele veio pra mim. Aí a gente começou a dançar. Aí eu disse ah quer dizer que você despachou sua mulher que você tava no jogo, né? Aqui é o seu jogo, né? A ele falou “mulher cala a boca”. Eu digo tá vendo, por isso que eu não sou..., sua mulher tá lá, pensando que você tá no jogo, com um bocado de homem. E você tá aqui ó, brincando com as mulher. Aí depois eu disse a ele, que era garota de programa, que eu cobrava tanto. Aí ele disse “não, não faço isso não, eu nunca saio com mulher de programa não.” Eu disse: mas sempre sua primeira vez. Quer ir comigo, tentar? Ele disse “não, não, eu não gosto de pagar não.” Mas de todo jeito eu ia, dar um jeitinho pra ele pagar meu dia.

**R** – Você acha que os homens, isso é geral dos homens ou porque você é prostituta. Que os homens, enganam, e mentem.

**G** – Porque mentem.

Um misto de pessoa que se entrega demais nos relacionamentos, com uma mulher que vive da prostituição e conhece o lado mais dissimulado dos homens. Assim é Graziela , e assim ela sofre, com seu coração meio aberto e meio fechado vai tentando conciliar, sem desistir, todas as contradições que encerram as relações de gênero, porém mais acentuadas em sua vida, por ser uma prostituta, que é fruto de uma escolha com um projeto e um objetivo

muito claro: “Eu não, eu gosto de ser puta mesmo, porque puta eu saio, ando, me distraio, não sofro por ninguém”.

### **5.2.3 Competências para ser prostituta e a evitação do sofrimento como central na escolha de Graziela**

Graziela tem diversas estratégias de cobrança e, mesmo quando não houve negociação antes, dá um jeito de ganhar o seu programa.

**R** – Você já transou sem ser cobrando?

**G** – Já, já. Terça-feira passada. Eu fui pra salsa, teve um cara lá lindo que eu gostei, meu deus aquele homem foi encantado. Comecei a dançar salsa com meu professor, que eu faço um show de salsa, aí ele se encantou, chegou perto de mim e disse “depois você vai dançar comigo” eu disse tá bom. Aí ele começou a pagar cerveja, pagar um tira-gosto ali, e eu ou esse cara é bonito. Aí começou a me beijar pronto. Enlouqueci pelo homem fui dormir com o cara. No outro dia ele não me pagou não. Eu disse assim olha, eu sou do babado e você vai me dar quanto, aí ele disse “como assim?” eu disse não, porque eu faço programa. Ele disse “eu não pago mulher de programa não” eu disse nem meu táxi? Eu vou pra casa como? Porque quando o homem às vezes, a Nina me ensinou, a Nina disse “olha Graziela às vezes quando você intima o homem que ele disser que não paga você diz assim, você leva ele lá pro hotel, de manhãzinha você cobra seu programa, você cobra seu táxi, porque aí ele já tá pagando seu programa.” E eu disse assim e se ele disser que não quer pagar? “Não, você diz que mora longe. E que tá sem dinheiro. E que peça a ele no outro dia que lhe dá sua passagem.” E se ele disser vou lhe dar a passagem do ônibus? “Aí você diz que tem medo de andar de ônibus por causa dos ladrão.” Aí eu começo a conversar com eles, tapeio ali, tapeio acolá.

**R** – Entendi, é o jeito de conseguir o dinheiro do programa.

**G** – É, às vezes, quando o homem diz que não paga mulher.

**R** – Mas isso é quando o homem diz que ele não paga por uma questão moral, por exemplo, porque ele não quer pagar, não porque ele não têm.

**G** - Às vezes é até por ele dizer que não gosta de pegar mulher de programa.

**R** – Sim, entendi.

**G** – Aí ele diz que não gosta de pagar mulher. Aí de manhãzinha a gente... Nina mesmo tava aqui quinta-feira com um rapaz do navio. Ele disse que odeia puta. Não gosta de puta, porque puta é imoral é, eu vou tar com uma prostituta do meu lado aí Nina disse “não Graziela, mas aí eu saio com ele mas eu não cobro dinheiro a ele. Eu cobro assim, dinheiro do táxi e digo a ele que to precisando de alguma coisa em casa. Levo ele pra alguma, pra algum lugar pra fazer uma compra pra mim. Aí eu vou puxando dinheiro dele. Mas de todo jeito ele tá me pagando.” Eu digo ah então é isso né? Eu vou aprender. Porque Nina é mais velha do que eu, Nina já viajou pra fora, fala 6 idiomas. Já foi casada lá fora, é macaca velha. Ela sempre me... Às vezes quando eu to assim que eu não sei de nada ela vai e me indica, como é que se cobra.

Russo (2007) nos fala da complexidade das estratégias de cobrança e de como dependem do local e do cliente. Graziela nos mostra que mesmo essa cobrança pode ser negociada depois do programa realizado ou, dependendo do caso o homem nem saber que fez um programa (como caso de cobrar o dinheiro do táxi ou quando o homem “não paga garota de programa”).

Além disso esse conhecimento é passado das mais velhas e experientes para as mais novas, e aprendido na prática por ela, corroborando mais uma vez que a prostituição é uma atividade que exige competências e desenvolvimento profissional para alcançar o sucesso.

**G** - Aí eu comecei a... as meninas... eu sempre conversava com as meninas da praça, as meninas diziam “não Graziela, meu programa é quinze”, a outra dizia “é vinte.” Até o ano passado o programa na praça da Sé era vinte reais. Pros brasileiro pobre ralé. Aí não eu disse não vou ter que cobrar mais caro, aí eu sempre cobro trinta fora o quarto. Na praça da sé. Quando eu vejo o tipo do homem. Agora quando eu vejo que é assim um cara que tem dinheiro, que a gente conhece pelo papo, pela conversa, pelo vestido da pessoa. Até mesmo os gringos que senta lá eu cobro cinquenta, setenta reais. Mas as vezes, muitas vezes eu e Nina, a gente trabalha junto, no quarto com o homem. Começou esse ano. Porque Nina fala 6 idiomas, né? Aí sempre quando passa assim um gringo, que fala outra língua, aí eu vou e chamo Nina. Aí Nina vai, fala com ele, aí vai e sai nós duas com o gringo...

O pagamento depende do cliente e da negociação, e a arte dessa e o reconhecimento dos tipos de clientes é algo que Graziela ainda esta aprendendo. Um conhecimento aplicado na prática e passado de umas as outras. Toda profissão tem que se aprender os macetes, os jeitos de se fazer uma coisa ou outra. Na prostituição é a arte da negociação, da sedução e da sutil cobrança do que pode ser potencialmente conseguido com cada cliente, como apontam os achados de Araújo (2006).



Apesar de todo sofrimento em sua vida por homens e ciúmes, Graziela nunca parou de fazer programa por nenhum.

**R** – Você nunca parou de fazer programa por causa de algum namorado ou companheiro?

**G** – Não, nunca parei. Quer dizer eu tento até parar, mas não consigo. Porque é um vício.

Faz analogia do programa como um vício. É viciada nessa vida e em tudo que ela oferece. E não quer parar, ou seja, seu projeto de vida no trabalho que está intimamente ligado à sua vida pessoal (Ribeiro, 2004).

**R** – Por que?

**G** – É um vício. A pessoa têm um vício de beber, e não consegue para. A pessoa tem um vício de fumar, quer parar e não consegue. É o meu caso. Eu tento parar, tento conseguir um trabalho, não consigo arrumar um trabalho. Tento conseguir um marido pra me tirar dessa vida e me colocar dentro de uma casa e não consigo. Minha colega disse “Graziela, e se você arrumar um homem rico, que tire você dessa vida, lhe dê uma casa, no seu nome, você sai dessa vida?” Eu disse não.

**R** – Por que?

**G** – Porque é um vício, não consigo sair. Tu chega aqui, senta comigo, começa a beber, a brincar, “e aí é quanto?” Aí eu pô, que tentação é essa. Já parei, não faço mais isso não. “Não, mas eu dou tanto.” Aí pronto, não consigo...

**R** – Mas a gente, bom pelo menos eu tendo a pensar que você faz isso pelo dinheiro. Você me falou que o dinheiro é bom, é fácil, vêm rápido. Além disso você gosta disso? Você falou que era um vício.

**G** – Tem momentos que eu gosto. Quando eu simpatizo com o homem eu gosto. Eu gosto, eu curto, eu brinco, conheço essa pessoa. Quando a pessoa é legal assim “Ah vou lhe levar, vou viajar pra tal lugar, quer ir comigo?” Que eu vejo que dá pra mim eu vou. Aí eu gosto. Mas às vezes a gente não gosta não. Eu mesmo não gosto não. Porque às vezes tem tipo de cliente chato. E eu não gosto não.

**R** – Não, porque eu não entendi. Quando a gente é viciado em alguma coisa, como você falou, você tem que ser viciado em alguma coisa que você goste. Você é viciada não em fazer programa, mas sim em receber por isso.

**G** – Em receber o dinheiro. Esse é que é o vício. O vício de eu querer sair e não conseguir. Porque é um vício do dinheiro fácil.

**R** – Mas, se você, como sua amiga falou, se você arrumasse um marido rico que te desse tudo. Por que você não pararia?

**G** – Porque lá fora eu arrumo todo esse dinheiro.

**R** – E se o seu marido te der mais, por exemplo.

**G** – Me der mais? Aí eu, aí eu saio. Mas a tentação é grande de não querer sair [risos]. Eu sabendo que eu tenho casa, casa pra morar sem pagar aluguel, comida, sem eu tar gastando, aí acho que eu paro. Mas se eu ver um homem bonito ali que eu vê que o coração bateu, eu vou lá, dou umas cantadinhas, se ele disser “quer quanto?” Aí eu vou. Mesmo casada.

**R** – Mas e se ele, só por prazer você não faria? Achar alguém bonito e fazer sem cobrar.

**G** – Não, só por fazer não. Eu tenho que, ele tem que me pagar, meu tempo, meu sexo ali ele tem que me pagar. Só por prazer assim não.

O fator financeiro é o que mais pesa. Consegue dinheiro fácil e rápido com o programa. Mas vemos aqui também a escolha e predileção de Graziela pela vida. Gosta de fazer programa, de ser procurada, de ganhar para isso. Russo (2007) comenta o fato de o dinheiro do programa representar mais do que o sustento é a forma de valorização delas:

Elas reforçam a preferência pelo dinheiro e não demonstram nenhum tipo de constrangimento em recebê-lo. Quando o fazem, isso ocorre mesmo como uma forma de corroborar aquilo que os clientes esperam delas. Elas prestam um serviço pelo qual esperam o pagamento e não consideram haver nada demais nisso. O recebimento do dinheiro é o reconhecimento do trabalho realizado. Além disso, através dele, as mulheres dividem os territórios de suas vidas e diferenciam a prostituição das outras relações que constroem. O dinheiro aparece como um limite; ultrapassá-lo significa ferir o projeto da prostituição, pois expressa certo tipo de envolvimento que nem sempre é bem-vindo, mas, ao mesmo tempo, camufla a "objetificação" da pessoa humana, pois denota a presença de sentimentos, a humanidade das pessoas envolvidas na relação (RUSSO, 2007, p.).

Graziela é a personificação disso. Parece não ver diferença entre transar sem cobrar e transar cobrando, porém transar é sempre cobrando, ao menos em potencial. Ou ainda se puder ganhar um dinheiro tendo transado com aquele que se sentiu atraída, melhor para ela. O dinheiro não se coloca como um impedimento moral. Pelo contrário, para Graziela o dinheiro é a forma pelo qual efetiva seu sexo e seu prazer. É parte integrante dele.

**R** - E qual foi o relacionamento que você teve que durou mais tempo?

**G** - De programa?

Pensa em termos de “relacionamentos de programa”. Quase uma contradição nos termos, mas é assim que vive. Apesar de não ter parado de fazer programas por nenhum homem, acabou tirando um filho. Isso foi mais um na sua lista de “sofrimentos por homem”.

**R** - Não, sem ser. Tipo namorado, companheiro.

**G** - Foi em Recife. De 24 até 25 anos. Um ano.

**R** - Era seu namorado, seu companheiro, como é que era?

**G** - Eu acho que não era nada porque ele era casado. Acho que somente um caso mesmo, de curtição. Eu até engravidei dele. Engravidei e tirei. Tirei com um mês e doze dias. Porque ele disse que já tinha quatro filhos, e que não queria assumir o meu. Por isso que aí foi que eu criei um trauma de não gostar de homem nenhum. Eu era louca apaixonada por esse homem. Mas eu já saía com os outros. Mas ele não me pagava não, ele me ajudava assim, comprava o que eu queria dentro de casa.

**R** - Ajudava a sustentar a casa onde você morava?

**G** - Não. Ele não pagava o aluguel não. Levava pros restaurantes, comia, precisava de alguma coisa assim ele comprava, mas nunca me pagou não. Esse foi que eu gostei mesmo. O nome dele era até Binho. Até hoje ainda tem foto dele em casa, quando eu olho assim dá até raiva, dá vontade de rasgar mas não, deixa essa porra aí. Deixa lá guardada. Somente esse. De amor meio doido assim de coração mesmo foi só esse. Porque os outros foi só paixõzinha, curtição assim, besteira, mas depois esquece. Depois bota outro na mente esquece rapidinho. Eu sou assim. Eu tô

gostando de um homem que eu vejo que no final tem uma decepção eu vou ali arrumo outro cara de programa esqueço ele rapidinho.

O programa também tem essa função, de ajudar a esquecer uma decepção e seguir em frente. Isso parece ser parte de tudo aquilo que ela categoriza como o vício em fazer programas, unidade e centro de sua vida.

O tipo de atividade realizada no programa também é negociado, tudo depende do pagamento e tem uma grande flexibilidade.

**R** – E você, você gosta de homem?

**G** – Gosto de homem.

**R** – Não teve relacionamento nenhum com uma mulher?

**G** – Não. Por enquanto não.

**R** – Nem profissionalmente nem?

**G** – Não. Mas se chegar uma mulher e disser que quer pagar o programa eu saio. Um programa bom ali eu vou [risos].

**R** – E já chegou?

**G** – Já chegou.

**R** – E aí?

**G** – Ela só queria me dar cinquenta, eu disse não cinquenta pra sair com você eu não vou não. Se você me der cem ou cento e cinquenta eu saio. Ta muito pouco pra mim sair com você. Eu posso sair, por esse preço aí, mas eu não vou fazer nada com você. Você pode fazer tudo em mim, mas eu com você eu não faço nada. Porque eu não tenho, eu não entrei nessa vida pra fazer programa com mulher não. Já fiz, com casal. Já fiz com dois homens. Terça-feira passada eu fiz com dois homens. Mas, um homem tava fazendo comigo e a esposa dele.

**R** – Você não tava fazendo nada com ela?

**G** – Não. Nadinha. Ele até disse assim “e aí, você não vai fazer nada com minha mulher não?” Eu disse não, o nosso acerto lá na rua não foi esse. Não foi de eu fazer nada com sua mulher. Foi de você comer duas mulher. Aí ele aceitou numa boa. E os outros dois homens que eu sempre saio é um de cada vez. Que eu não faço sexo anal não. É um de cada vez. Termina com um depois eu pego o outro.

Segue à risca o combinado antes, porém a única restrição que parece ter é com relação à sexo anal. Moraes (1995) comenta sobre as práticas sexuais feitas na Vila Mimosa no Rio como sendo bastante típicas e a prostituição especializada (sodomismo e fantasias, por exemplo) é algo de categorias mais abastadas da sociedade, em casas especializadas. Mesmo assim com Graziela vemos que há um espaço para fantasias e as práticas dependem mais de uma negociação. Não há uma tabela de atividades e preços com Graziela, tudo depende do quando se pagar, ser ativa ou passiva em uma homossexualidade feminina, por exemplo.

Graziela parece viver a prostituição como um forma de trabalho profissional, na qual não há espaço para amadorismos: vende sexo e pauta sua lógica neste ponto. Se a oferta financeira for boa, ela avalia se pode ou prestar o serviço demandado, dizendo não algumas vezes.

Não pretende casar, pelo menos não está nos seus planos, mas tem planos para comprar a sua casa.

**R** – O que eu queria perguntar, que eu lembrei agora: você disse que seu coração está fechado, então você não tem, você não pretende casar, namorar, você não tem esse tipo de pretensão?

**G** – Pretendo um dia né? Mas só, só Deus sabe quando é o dia que esse dia vai chegar.

**R** – Você quer o que, quer casar?

**G** – Eu quero sair do aluguel. Porque a pior coisa que tem no mundo é puta pagar aluguel. Tem o dinheiro que você pega só pra o aluguel. O aluguel, comida, roupa, a luz. E pra mim mesmo que tenho muitos cartões, gosto de gastar, pronto.

**R** – Seu problema é sair do aluguel?

**G** – Meu problema é sair do aluguel. Se eu tivesse uma casa própria eu até me virava em outra coisa viu. Mas não largava o programa. Podia passar o dia todinho em um emprego trabalhando de alguma coisa e de noite eu ia pro programa. Porque eu gosto dessa vida.

Gabriela Leite conta em sua autobiografia sobre a obsessão da prostituta com a casa própria:

Toda prostituta tem como objetivo maior comprar uma casa, de preferência longe do trabalho, normalmente no subúrbio. E tem que ser uma casa grande. Ela passa anos contando os tijolos para construir essa casa. E cada homem representa uma quantidade de tijolos. É quase um tique da profissão (Leite, 2009, p. ).

Pode-se entender isso como a expressão máxima da liberdade. Ao adquirir uma casa ela se torna literalmente a chefe da casa, não há homem, tudo foi ela que comprou e aquilo representa uma qualidade que toda prostituta preza em sua atividade e em sua vida: a Liberdade.

Falando sobre a vida, Graziela expressa coisas boas sobre ela. Gosta do que faz, de receber e da atividade também, mas faz suas ressalvas:

**R** – você gosta da vida, você gosta do dinheiro ou você gosta dos dois?

**G** – Eu gosto de tudo. [risos] Me dando dinheiro eu gosto de tudo [risos]. Eu gosto dessa vida. Eu não acho essa vida ruim não. Mas também eu não dou conselho pra mulher nenhuma entrar. Porque pra entrar... pra entra é difícil, tem muitas mulher que tem receio de entrar. Mas quando entra não quer mais sair não. Porque vê tudo fácil, tudo, cê tem lazer, cê tem luxo, tem muitos homens que dá luxo à mulher. Muitos homem com dinheiro, né?

De novo a idéia do vício volta a mente, é como se fosse muito fácil efetivar a troca sexo por dinheiro (requisito para essa ocupação e moralmente reprovável por uma boa parte da sociedade). Uma vez operada dentro dela, uma vez que a mulher está bem com isso, torna-se difícil se adaptar a outra vida, a outra atividade.

E se este é o projeto de vida no trabalho de Graziela, porque mudar? Ela reforça, insistentemente, que gosta do que faz, dificilmente mudaria e que as recompensas financeiras

(ganhos com os programas) e subjetivas (evitação do sofrimento e domínio das relações com os homens) sustentam sua escolha e seu projeto.

#### **5.2.4 Ganhos com a atividade de prostituição**

Tem outras vantagens, como também os luxos, que podem até ser assustadores para quem está acostumada a programas mais baratos.

**R** – Tem? Conta uma história aí, por exemplo.

**G** – De mim?

**R** – Qualquer história que você tiver, como é que é essa história de dar, do luxo?

**G** – Do luxo é você ir pra um hotel chique. Coisa que eu nunca fui. A primeira vez que eu nunca fui pra um hotel chique eu abria porta e disse assim eu não vou entrar aqui não. Ele disse “porque?” eu disse não, porque aqui não é pra mim não. Tudo luxo aí, piscina, tudo. Cama redonda, tudo limpo, lençol tudo brilhando, tudo limpo. Ele disse “que nada sempre tem a sua primeira vez”. Aí isso, esses hotel chique, ali do corredor da Vitória. O Pestana que eu nunca entrei fiquei lá em cima, no presidencial. Com o chefe engenheiro do navio. Ele me deu 1200 reais. Ele queria me dar 2000 pra mim ficar a noite todinha até duas horas da tarde. Que ele ia pegar o avião duas horas da tarde. Mas eu não entendi. Que eu to começando o inglês agora. Aí eu não entendi. Quando foi seis horas eu me aperreei de vim embora. Passei a noite todinha chorando. Porque eu me agoniei lá dentro.

**R** – Por que?

**G** – Por que ele era, ele... o inglês dele era muito enrolado, eu não tava entendendo. Eu mandava ele escrever, e ao mesmo tempo eu pegava no dicionário pra ver o que que ele tava me dizendo. Ou então ligava pra Nina. Mas quando deu assim umas três hora da manhã, que o quarto começou a esquentar, eu fui assim pra porta e não consegui, abrir a porta, que eu acho que era de cartão. O hotel lá é de cartão, muito chique, muito bonito. Meu deus, que que eu to fazendo aqui. Aí ele foi, tava dormindo, aí eu tentei botar o ar-condicionado pra gelar mais, não consegui não. Me deitei de lado e comecei a chorar. Aí ele se acordou. Aí começou a falar comigo me pegando, me ajeitando porque eu tava chorando. Eu disse não, no problema, não tenho problema. E eu olhava pra porta de vidro e nada. Quando eu chegava lá embaixo é... o... quando a gente tava no último, no último eu olhava pra baixo e tudo pequenininho, eu disse meu deus esse cara vai me jogar daqui de cima. Meu medo era esse. Mas até que não. Tudo... Amanheceu o dia, eu não consegui mais dormir, fui no banheiro, troquei de roupa, me arrumei ele disse “não não não, agora não é time, time” Eu disse meu deus que que o homem tá dizendo. Aí ele escreveu que era

pra mim ir de oito horas, sair de oito horas. Aí eu ah agora que eu entendi. Aí fiquei lá com ele tapeando, tapeando. Ia pro contador, e tapeando. Aí eu falei pra ele quanto, e ele “não problema, dinheiro não problema” Foi na carteira e começou a me dar dinheiro, em dólar, em real, eu digo vixi maria, quando eu contei tudo mil e duzentos. Aí ele perguntou se eu queria ficar. Foi nessa parte que eu não entendi, quando ele me pagou. Que eu não entendi que era pra ficar até duas horas da tarde que ele ia me dar mais dois mil. Aí eu não entendi, peguei minha bolsa e fui-se embora. Quando eu disse pra Nina, Nina: “você é muito burra Graziela!” Eu disse como é que eu sou não to no inglês certo ainda? Ele ainda escreveu lá os dois mil, eu pensei que ele tava botando o ano de dois mil e dois sei lá. Aí pronto, perdi o homem. Esse foi o melhor gringo que eu tive. Que ele era da Noruega. Eu tenho até ele aqui no meu celular. Nesse aqui, não tá no outro. Da Noruega. Um velho muito bom, ele sempre fica na Casablanca. Sabe onde é a Casablanca?

**R** – Não.

**G** – Aqui, depois da Praça da Sé. Aonde só tem as meninas lá de programa que só vai pra navio, não tá aqui não. Pro navio que as meninas lá cobram muito caro. O programa delas é de quinhentos pra cima. Foi o único melhor que eu tive, que foi o hotel mais chique que eu fiquei aqui na Bahia foi ele. Por isso que eu digo eu não sei. Que nós, que fazemos programa, às vezes nós temos nossa vida de luxo. Às vezes tem cliente que leva nós pra hotel pobre, ralé. Por isso que essa vida é boa. A gente tem curtidão, lazer e luxo, e coisa de luxo.

Graziela se deslumbra e se assusta com o luxo na primeira vez, porém logo se acostuma a eles e considera esses eventuais programas mais luxuosos um bônus na profissão. Apesar de que o preço para se conseguir um programa melhor é o mesmo que na maioria das profissões, o estudo. Vê que o inglês ou alguma outra língua, ao menos alguns rudimentos, podem lhe ajudar a se comunicar com os turistas que frequentam Salvador, e aumentar seus ganhos.

Com relação ao orgasmo na atividade profissional não vê como um problema, para ela é até uma coisa boa, que gosta.

**R** – Deixa eu fazer outra pergunta também agora. Você sente prazer quando você tá transando com os homens, você tem orgasmo alguma coisa assim?

**G** – Às vezes sim, às vezes não. Quando o homem sabe fazer mesmo sexo a gente chega.

**R** – Mas é pouco, é muito?



**G** – É muito, eu já cheguei muito.

**R** – Mas muitas vezes? Toda semana, quase nunca, como é?

**G** – Não, só uma vez, às vezes, uma vez só. A gente pega um homem bom mesmo que saiba fazer a gente sente, né? Vai até na lua e volta.

**R** – E quando foi o último que você pegou assim?

**G** – O último que eu peguei foi, foi domingo.

**R** – Domingo agora?

**G** – Domingo. O cara chupa legal [risos]. Foi... esse foi legal. Ele não, ele não faz o sexo. Eu fiz nele ele fez em mim, porque eu não sabia que ele gostava de... Aí eu disse rapaz aqui eu não tenho nada, não tenho um vibrador aqui não tenho nada. Aí ele “vai no dedo.” Aí botei meu dedo lá, meia nove, pode falar? Palavrão?

**R** – Pode falar o que você quiser. Não se preocupe.

**G** – É palavrão [risos].

**R** – Pode falar o que você quiser.

**G** – Eu botei a camisinha, comecei a chupar, com o dedo lá, no reto dele, e ele me chupando. Aí pronto, os dois... foi uma loucura. Coisa que eu não faço com os outros. Só faço com esse cliente porque ele é muito antigo, eu já sei que não, num, não gosta de meter, só gosta de fazer assim. É um tipo de prazer que, ao mesmo tempo ele sente e eu sinto. Porque quando a minha menstruação vai embora eu passo três dias, no quarto e quinto eu acho que é onde eu fico com mais vontade de transar. E eu só sinto prazer mesmo quando o homem chupa. Metendo não. Assim, quanto mais ele mete eu quero. Então ali, enquanto eu não gozar do jeito que eu quero. Pego um, pego outro, pego outro, mas não me satisfaz. Só quando esse cara liga pra mim. Aí vou doidinha.

**R** – Então é só com ele?

**G** – Só com ele. Porque eu sei que ele sabe fazer. Do jeito que eu gosto. Os outros eu ensino mas não sabe.

**R** – Então você só goza com ele?

**G** – Só gozo com esse. Há muitos anos. Eu tenho o que? Acho que eu conheço ele a uns quatro anos já, que eu saio com ele. É um velhinho. Ele bota até carro, bota carro na rua. Mas ele paga bem viu. Paga cinquenta reais. O programa que eu cobro a ele.

**R** - E você só, nesses quatro anos você só goza com ele?

**G** – Só gozo com ele. Os outros eu ensino, faço. Eu digo: olha é assim, vamo fazer assim, vamo fazer assado. Mas não sabe fazer do jeito que ele faz.

Porém salienta ser importante o saber-fazer. Apesar de ser um programa combinado, se o homem “souber fazer” ela consegue chegar ao orgasmo. Coisa que já não acontece com os clientes estrangeiros.

**G** - Eu nunca senti um prazer com um gringo. Nunca.

**R** - Por que?

**G** – Porque eles não sabem transar. Tem deles que é cavalo, tem deles que não sabe nada. Esse da Suíça mesmo não sabe. Fica ali o tempo todo. Não tem aquela coisa de dizer se a mulher tá sentindo alguma coisa. Não diz uma coisa de carinho, de prazer, não. Enquanto você não disser vamo terminar – porque terminar lá pra eles é gozar – ele fica lá, direto. Camisinha seca, você fica ardendo. Eu vou tiro, boto outra camisinha, boto gel. E ele fica lá. Por isso que gringo pra mim não tem prazer não. Não sinto nada.

Parece que devido à diferença cultural falta algo na relação com um estrangeiro. Apesar do programa pagar melhor em geral, não consegue sentir prazer com eles. É categórica nesse sentido.

Apesar da inexperiência e dificuldades em sua iniciação sexual, agora aprendeu bem e a camisinha é parte integrante de sua atividade profissional. Como nos lembra bem Moraes (1995) a camisinha é fator de segurança para a prostituta. E acrescentamos é fator de segurança no trabalho, a camisinha é seu equipamento de proteção.

**R** – Como é que a sua vida amorosa e profissional se misturam.

**G** – Ah sim. Eu pensei que era como é que elas se misturam. Como ela está agora.. oh meu deus ah maravilha.

**R** – Co... porque, como é que tá maravilhosa?

**G** – Porque eu criei experiência. A mulher se madurece. Eu no meu caso me madureci, pro lado de homem e pro lado de sexo. Que o sexo a gente se previne muito, eu não conhecia. Fátima sempre dava muitas aulas à gente sobre sexo. Como é que a gente deve se prevenir. Eu me preveni como? A chupar com camisinha, que eu não chupava, eu não fazia com camisinha. É... só porque o cara vai pagar a mais do que você cobra “Ah eu te dou tanto pra você fazer sem camisinha” isso eu não sabia. Eu ia. Tava me dando tanto. “Ah porque eu não tenho nada, eu sou limpo, vou te dar” eu cobrava trinta “vou te dar cinquenta, setenta, mas larga essa camisinha aí.” Aí eu ia. Mas não, aí Fátima foi e explicou como é que é, como é que devia fazer. Aí eu comecei a pegar camisinha lá. De três anos pra cá, eu comecei a pegar em 2004. Mas eu nunca ia pras reuniões de terça-feira. Aí hoje não, hoje em dia eu já tenho mais experiência como é, e me madureci muito. Nessa vida.

Apesar de gostar de ganhar mais em um programa, não abre mão da camisinha. Tem consciência que doenças como a AIDS não aparentam no portador, por isso não se sabe quem está com ela. Não faz programa sem camisinha mesmo o cliente pagando mais, e olha que gosta muito do dinheiro que prostituição lhe oferece.

**G** – Até hoje. Comecei a cobrar dinheiro. Gostei, sigo ah o negócio é bom.

**R** – Bom o que?

**G** – O dinheiro é bom.

**R** - O dinheiro é bom?

**G** – Fazer programa é bom, a gente ganha dinheiro fácil e toda hora tem dinheiro na bolsa. Aí pronto, comecei. Até hoje.

Ser prostituta, definitivamente, é o projeto de vida no trabalho de Graziela .

### 5.2.5 Preconceito com a atividade de prostituição e a impossibilidade de reconhecimento social

Graziela tem plena noção do preconceito e da discriminação que sobre sendo prostituta. Aliás sofre isso na pele.

**R** – Não tem nada a ver com o fato de você ser prostituta?

**G** – Porque tem muitos deles que têm receio. Eles vê a gente assim como uma coisa que não têm valor. Uma coisa suja.

**R** – A gente quem? Todas as mulheres ou as prostitutas?

**G** – Todas as prostitutas. Todas as mulher que cobram o homem. Que lá fora, tem uma sociedade, a sociedade deles lá fora que discrimina a gente. Eu nunca fui discriminada não, já fui assim, de o homem querer não me pagar. Pra mim é discriminação. Que ele ta me usando. Ele não gosta de mim, eu não gosto dele. Eu to ali no quarto com ele trancada, eu não sei o que ele vai querer fazer tudo, não sei. Aí eu acho que eles discriminam por causa disso. Não quer pagar. Aí eles... às vezes... até minhas colegas mesmo, eles chegam a bater no quarto. Aqui ela diz que é nada, aí lá ela diz que é tanto, cobra. Aí ele diz “porque você não me disse que é prostituta.” Aí começa a bater. Mas a mim nunca bateram não. Graças a deus até agora ninguém nunca me bateu não. Mas outros não, outros entendem o nosso lado. Vê que é uma profissão e sai numa boa, paga. Às vezes a gente ta até na mesa brincando, conversando tal ele fez “não hoje eu não vou sair com você não, mas vou lhe dar tanto aqui.” Aí dá. Às vezes eles nem dão, a gente pede me de 15 reais, 20 reais pro táxi, Aí eles dão. Eles entendem o seu lado, a sua profissão. É um tipo de trabalho que você, é... acha que tá... sobrevivendo, pagando suas dívidas. Mas tem muitos deles que não, muitos deles não entendem. E a gente morre de explicar ali.

Russo (2007) comenta que o estupro ou o não pagamento do combinado pelo programa é sentido como a máxima desvalorização da mulher. Graziela vê os homens que não aceitam sua atividade como os preconceituosos e discriminadores. Porém aqueles que dão um dinheiro a ela mesmo sem necessariamente fazer o programa são os que entendem sua condição, de alguém, que como todo mundo, precisa de dinheiro para se sustentar, apenas escolheu a prostituição como atividade para esse fim.

Sabendo do risco do estigma e da discriminação, não conta para seus companheiros (ou possíveis companheiros) sobre seu trabalho como prostituta. Não conta nem para sua família, pois sabe que os fará sofrer e mais ainda, e sofrerá mais do que todos pelos julgamentos.

**R** – E os seus companheiros, eles entendiam, seus namorados, que você teve até hoje?

**G** – Não. Não entendiam não. Muitos deles ficavam até com raiva.

**R** – Todos sabiam que você era prostituta?

**G** – Não.

**R** – Nenhum deles sabia?

**G** – Nenhum deles sabia não. Porque eu não dizia. Nem minha família não sabe.

**R** – Por quê?

**G** – Porque eu tinha vergonha de dizer.

**R** – Pra eles?

**G** – Pra eles. E até o mesmo tempo de eu querer gostar, eu tô gostando do cara, e eu disser que eu sou garota de programa e depois ele disser que não me quer. “Ah eu não vou ficar com você não que você fica com um, com outro, com um, com outro, pra mim não dá não.” Aí eles não, acho que não queriam não.

**R** – Você nunca experimentou?

**G** – Não.

**R** – Você nunca falou pra nenhum de seus companheiros, namorados ou...

**G** – Nunca, nunca falei [risos]. Nunca falei. Mas aqui, eu gostei de um cara, mas disseram a ele. Aí ele foi e disse a mim “Graziela não dá pra mais pra ficar com você não, porque eu to sabendo que você faz, tem a sua vida ativa aí, eu não tenho nada contra não, sua vida é livre você faz dela o que quiser.” Aí sumiu. Era até um homem bom. Sumiu. Mas ninguém assim, nem na minha família eu não falo. Minha mãe pergunta “você trabalha de que?” Eu digo ah trabalho numa academia de dança. Eu sempre ajudo lá o professor. Mas... aí eu levei até um CD pra ela ver o que que eu fazia. Porque ela já tava espalhando pra todo mundo que eu fazia striptease numa boate. “Graziela é dançarina de striptease numa boate.” Eu disse mãe, antes fosse. Porque aí eu dizia que eu era dançarina de boate. Mas não, eu to dizendo que era dançarina e levei até as fotos pra ela ver. Dançarina de uma escola de dança, ensino tudo. Aí foi que ela entendeu. Eu tirei até uma foto, eu de biquini, aí comecei a fazer cartãozinho. Com meus telefones. Aí até mandei um pra minha irmã. Minha irmã .ligou pra mim e disse “Graziela, você ta fazendo programa aí?” Eu disse não menina, foi só uma foto que eu tirei pra dar os cartões aos meus alunos. “as ce bota uma foto de biquini?” Aí eu digo olha, minha irmã já ta com receio lá. Aí eu não ligo não. Porque, pra eles é uma vida dura viu.

**R** – Pra eles quem?

**G** - Pra eles que não entendem que esse ramo da gente é uma profissão. Eles falam demais. Às vezes até na mesa. Eu tava ali com um cliente ali, ele já tava querendo que eu fosse namorada dele. Aí ele... porque eu não gosto assim de ter namoro sério assim porque no final ele escolhamba. Ele escolhamba.

**R** – Escolhamba por que?

**G** – “Ah sua puta, prostituta.” Começa a xingar a gente. Tenho muitas amigas que saíram dessa vida, que qualquer briga que tem em casa com o marido ele escolhamba: “você antes era prostituta, era uma puta ralé. Eu tirei você dessa vida, botei você aqui dentro de casa você ta tirando onda é? Você vai pra fora, você vai voltar pra mesma vida que você tava lá na rua.” Aí eu digo olha, não dá não. O dia que eu sair dessa vida, se eu conhecer um homem eu nunca digo que faço programa. Eu digo que sou professora de dança. Porque nas horas dessas brigas não é pra ter isso, esse comentário de... Até na rua eles saem comentando. Até na minha rua aqui o cara “você é uma prostituta vagabunda, você veio pra cá pra que? Não sei nem por que foi que eu tirei você da rua.” Eu digo olha, por que tu não disse mulher que tu era manicure, que tu era cabelereira, alguma coisa, mas nunca diga pra esses homens não. Eu to lhe dizendo porque eu tenho experiência de quando eu arrumar um homem, se eu for me casar com ele, eu nunca vou dizer que eu sou puta. Só se ele souber da boca dos outros. Se ele souber da boca dos outros aí eu vou dizer: não isso era uma vida de solteira que eu tinha. Pegava um aqui, um acolá, não tinha namorado sério, não gostava de ninguém. É isso que eu vou dizer.

Implícito à idéia de arrumar homem e não contar que é prostituta está a idéia que largaria da prostituição para se casar. O medo e a vergonha de ter isso jogado na cara, mesmo depois de um abandono da atividade, ainda pesa demais. Tem sua experiência de contar a eles e os homens não mais quererem saber dela por causa disso. O sofrimento é uma constante na

vida amorosa de Graziela como vimos, e prefere escolher outra vida, se assim tiver que ser para arrumar um companheiro algum dia.

Graziela vive a ambiguidade da prostituição que ao mesmo tempo que lhe oferece um certo poder sobre os homens, lhe impede de ter uma vida social reconhecida, tendo que ocultar o que faz e, conseqüentemente sua identidade ocupacional, rompendo parcialmente o vínculo com o OUTRO, conforme Dejours (1999) aponta, o que não permitiria a satisfação plena com seu trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Uma pergunta que muitas pesquisas tentaram responder foi porque as prostitutas entram na vida, começam na prostituição. Com isso acabam colocando-as no papel de vítima, coisa que elas recusam (Lopes, Rabelo & Pimenta 2007; Moraes, 1995; Vanwesenbeeck 2001), bem como Graziela e Mariana.

Tentando fugir disso vamos fazer alguns comentários sobre a entrada na prostituição de nossas entrevistadas. O primeiro ponto é que nenhuma delas escolheu previamente a prostituição como meio de vida. Foi a saída que encontraram diante de determinadas situações. Não tiramos o papel de ativas e capazes de escolha que elas tiveram, apenas não pensaram nisso antes, não tiveram um plano como o que fazer no vestibular. Tiveram que dar uma solução relativamente rápida para sua vida e seus problemas financeiros, a prostituição apareceu como essa solução, se tornando um projeto de vida no trabalho factível e satisfatório, apesar das ambiguidades inerentes ao seu desempenho.

Outro ponto que chama a atenção é o papel do olhar do outro, do meio social nessa entrada. Para os dois casos a perda da virgindade e/ou comportamento como se isso tivesse acontecido foi fundamental para que outros falassem a elas que a prostituição era o que deviam fazer, era o que restava a elas. Uma mistura de moralismo com fatalismo, como se não sobrasse mais nada a elas a não ser se resignar a esse destino. Talvez por compreender mal o contexto e o papel de escolha das mulheres nessa condição é que muitas pesquisas acabam colocando-as como “vítima das circunstâncias”. Se elas mesmas negam esse papel, não somos nós que iremos atribuir.

Uma coisa comum a ambas é a liberdade que o trabalho oferece, em termos de horário e flexibilidade (não precisar trabalhar quando não quer) bem como de local. É sabido na literatura a distinção entre prostituição indoor (dentro de casas ou locais especializados) e outdoor (na rua) (Vanwesenbeeck, 2001) e a primeira é tida como mais segura. Porém a experiência de Mariana, especialmente, de nossas entrevistadas as faz preferir as ruas do

centro de salvador do que se submeter às casas e possíveis explorações e violências que possam sofrer. Além disso a liberdade é o principal elemento de satisfação com o trabalho, junto com alguns luxos e satisfações que a profissão possa oferecer (orgasmos, programas que pagam muito mais), além do pagamento é claro.

A prostituição, como um atividade de trabalho, oferece ganhos concretos (boa remuneração, orgasmos e liberdade para trabalhar), mas também, ganhos subjetivos e psicossociais (estratégia de poder contra a dominação masculina, liberdade com o corpo e forma de evitar o sofrimento das relações afetivas e sexuais não mediadas pelos dinheiro).

Pontos negativos ou de insatisfação insidem mais na representação da prostituta e da prostituição no meio social. O estigma social, a vitimização ou condenação moralista, os sofrimentos que passam por serem prostitutas nas mais diversas situações parece ser o que pesa mais.

Além disso a prostituição afeta diretamente a vida pessoal e amorosa delas. Crises de ciúmes, violência, terem que abandonar a profissão se arrumarem um companheiro fixo ou marido são coisas a que estão sujeitas e estarão, uma vez que as concepções de gênero da nossa sociedade e a moralização da atividade do sexo são coisas a que estão sujeitas, como prostitutas e como mulheres.

Isso só mudará se as concepções de gênero e de moralismo em torno do sexo mudarem radicalmente também. Interessante notar que mesmo Gabriela Leite (Leite, 2009) e Raquel Pacheco (nome verdadeiro da autora Surfistinha, 2005) acabaram largando a prostituição ao se casar.

Para a prostituta, a relação de sua vida pessoal com o trabalho é uma questão bastante complexa e incide também nas relações com seus familiares (pais, filhos e irmãos) bem como o lugar onde moram e mesmo a sua publicidade (muitas prostitutas tem medo de se organizar

em associações por ter que tornar pública sua identidade). Mariana é aberta com sua família sobre sua ocupação, Graziela não.

O dinheiro permanece como categoria fundamental para compreender a prostituição. Embora tenha sentidos mais amplos de valorização para prostituta (Russo, 2007) é pelo e para o sustendo delas e de suas famílias que fazem programas. A obtenção do dinheiro (como em qualquer outra ocupação) permanece como um fim último das atividades que realizam como prostitutas. Sendo assim todas as variações de mercado, crises financeiras, tempo de trabalho, regulamentação da profissão, tudo isso influencia diretamente a vida delas e a prostituição não pode ser pensada fora da roda econômica a que estamos todos sujeitos no sistema capitalista.

A carreira, nessa ocupação, foi construída por ambas no decorrer de seu aprendizado. Como em qualquer outra ocupação trabalharam em lugares onde não gostaram, aprenderam com a experiência e escolheram a melhor forma de exercer suas atividades, desenvolvendo suas competências.

Para ambas a Ladeira da Montanha, o centro de Salvador é onde queriam estar (Silva, 2005). Interessante notar que, no caso de Mariana, tem muitas outras opções de atividades para realizar, inclusive com diplomas. Porém a prostituição é sua atividade de escolha por todos os fatores mencionados.

A luta para tirar as prostitutas do centro de Salvador parecer ser algo que vem e volta. Cada novo prefeito, deputado, delegado, lojista ou religioso é uma nova investida e uma nova batalha para conservar o local que escolheram para exercer suas atividades. Nesse sentido, uma pesquisa mais ampla, nos moldes de Moraes (1995) na Vila mimosa no Rio de Janeiro seria uma boa coisa a ser realizada nesse local.

Coletar a história, conhecer quantitativamente as prostitutas que trabalham no centro de Salvador e suas necessidades. A APROSBA e suas realizações, como elas se organizam e

como podem se organizar melhor. Além de entrar em contato também com os outros atores nesse rico lugar que é o centro de Salvador.

## **REFERÊNCIAS**

- Agustín, L. M. (2005). La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *Cadernos Pagu*, 25, 107-128.
- Araújo, R. (2006). *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cãnone/UCG.
- Arendt, H. (1987). *A condição humana* (10a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária (originalmente publicada em 1958).
- Barbosa, A.; Dias, M.; Tostes, P.; Cursinho, T.; Mesquita, V.; Gonçalves, H. & Braga, M. P. (2007). Análise ergonômica do trabalho de prostitutas da Vila Mimosa. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 19 (2), 507-508.
- Barrero, G. P. D. (2005). Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración en la construcción del estado canadiense. *Cadernos Pagu*, 25, 129-152.
- Barros, L. A. (2005). *Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte*. Recuperado em 14 de dezembro de 2009 de <http://BuscaLegis.ccj.ufsc.br>.
- Benzaken, A. S.; Garcia, E. G.; Sardinha, J. C. G.; Pedroza, V. L. & Paiva, V. (2007). Intervenção de base comunitária para a prevenção das DST/AIDS na Região Amazônica, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41 (2).
- Bernstein, E. (2008). O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. *Cadernos Pagu*, 31,315-362.

- Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bosi, E. (2003). *Tempo vivo da memória – ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brasil (2002). *CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) do MTE (Ministério do Trabalho e do Emprego)*. Recuperado em 14 de dezembro de 2009 de <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>
- Brito, M. R. A. (2008). *Prostituição no brasil e inclusão social*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Direito Constitucional Contemporâneo, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Colvero, C. A. (2008). *O sexo como profissão e o paradoxo: questão de gênero ou escolha*. In *Anais do Seminário Fazendo Gênero*, 8. Florianópolis: UFSC.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: FGV.
- Garcia, M. R. V. (2009). Identity as a 'patchwork': aspects of identity among low-income brazilian travestis. *Culture, Health & Sexuality*, 11 (6).
- Goffman, E. (1985). *Estigma*. Rio de Janeiro: LTC.

Grisez, J. (1978). *Métodos de psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Guimarães, K. & Merchán-Hamann, E. (2005). Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas das profissões e a construção da cidadania. *Revista Estudos Feministas*, 13 (3).

Hughes, D. (2004). *A legalização da prostituição refreará o tráfico de mulheres?* Recuperado em 14 de dezembro de 2009 de <http://www.apf.pt/temas/tema>.

Juliano, D. (2005). El trabajo sexual en la mira: polémicas e estereótipos. *Cadernos Pagu*, 25, 79-106.

Langer, A. (2004). *O emprego: isso que se "tem" ou não se "tem"*. Recuperado em 14 de dezembro de 2009 de [http://vinculando.org/brasil/conceito\\_trabalho/emprego\\_se\\_tem.html](http://vinculando.org/brasil/conceito_trabalho/emprego_se_tem.html)

Leite, G. (2009). *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Lopes C. S.; Rabelo I, V. M. & Pimenta R. P. B. (2007). A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo à classe média e média alta de Goiânia. *Psicologia e Sociedade*, 19 (1).

Lukács, G. (1980). *The ontology of social being: labour*. London: Merlin Press.



- Malta, M. (2008). Risco frente ao HIV/AIDS entre mulheres trabalhadoras do sexo que usam crack no sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 42 (5).
- Marx, K. (1980). *O capital: crítica da economia política I* (6a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (originalmente publicada em 1867).
- Molina, A. M. R. (2003). Prostituição juvenil: uma condição existencial em busca de seus sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, 23 (2).
- Moraes, A. F. (1995). *Mulheres da vila – prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasini, E. (2005). *Prostituição e a liberdade do corpo*. In *CLAM - AMB*.
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pelúcio, L. (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, 25, 217-248.
- Pereira, C. S. (2005). Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. *Cadernos Pagu*, 25, 25-54.
- Piscitelli, A. (2005). Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, 25, 281-326.

Raymond, J. (2003). *Não à legalização da prostituição – 10 razões para a prostituição não ser legalizada*. Recuperado em 14 de dezembro de 2009 de <http://www.action.web.ca/home/catw/readingroom.shtml>.

Ribeiro, F. B. & Sá, J. M. O. (2004). *Interrogando a prostituição: Uma crítica radical aos discursos hegemônicos*. In *Actas dos Ateliers do Congresso Português de Sociologia*, 5. Braga: Universidade do Minho.

Ribeiro, M. A. (2004). *Orientação profissional para “pessoas psicóticas”: um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Ribeiro, M. A. (2009a). *Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da Psicologia Social do Trabalho*. In *Atas do Encontro da ABET*, 20. Campinas: UNICAMP.

Ribeiro, M. A. (2009b). *Psicologia e gestão de pessoas – reflexões, críticas e temas afins (ética, competência e carreira)*. São Paulo: Vetor.

Ribeiro, M. A. (2009c). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (2), 203-216.

- Rodrigues, M. T. (2004). O sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão. *Sociedade e Estado*, 19 (1), 121-150.
- Rodrigues, M. T. (2009). A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer. *Revista Kátalysys*, 12 (1), 68-76.
- Rostagnol, S. (2000). Regulamentação: controle social ou dignidade do/no trabalho? In: M. Benedetti & A. Fábregas-Martinez (Orgs.). *Na batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa/Palmarinca.
- Russo, G. (2007). No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Cadernos CRH*, 20 (51), 497-514.
- Santos, M. A.; Fanganiello, A. L. S.; Paparelli, R. & Oliveira, F. (2008). Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11 (1), 101-110.
- Sartre, J-P. (1987). *O Existencialismo é um Humanismo* (3a ed). São Paulo: Nova Cultural.
- Sartre, J-P. (1997). *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Savigliano, M. E. (2005). Destino Buenos Aires: tango-turismo sexual e cinematográfico. *Cadernos Pagu*, 25, 327-356.

- Silva, R. A. (2005). Prostituição feminina em Goiânia: entendendo contextos identitários. *Sociedade e Cultura*, 8 (1), 83-96.
- Silva, A. P. & Blanchette, T. (2005). “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, 25, 249-280.
- Simon, C. P.; Silva, R. C. & Paiva, V. (2002). Prostituição juvenil feminina e a prevenção da AIDS em Ribeirão Preto, SP. *Revista de Saúde Pública*, 36 (4).
- Surfistinha, B. (2005). *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*. São Paulo: Panda Books.
- Triviños, A. N. S. (1996). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Vanwesenbeeck, I. (2001). Another decade of social scientific work on sex work: a review of research 1990-2000. *Annual Review of Sex Research*.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)